

GELO ARDENTE

**CLIVE
CUSSLER**
& PAUL KEMPRECOS



Agradecimentos

Obrigado a Arnold Carr pelas suas sugestões valiosas acerca desse notável veículo de pesquisa que é o NR-1; a John Fish da Pesquisa e Investigação Subaquática Americana pela partilha dos seus conhecimentos técnicos consideráveis; e a William Ott e à equipa do Observatório Weston que, de forma paciente e pronta, responderam a questões rebuscadas sobre sismos submarinos.

Prólogo

ODESSA, RÚSSIA, 1918

O NEVOEIRO DENSO AVANÇOU SOBRE O PORTO AO FIM DA TARDE, IMPELIDO por uma mudança súbita na direcção do vento. O vapor cinzento e húmido atingiu os cais de pedra, enrolando-se sobre os degraus de Odessa e trazendo um anoitecer prematuro ao movimentado porto do Mar Negro. Barcos de carga e passageiros cancelaram as suas viagens, reduzindo dúzias de marinheiros ao ócio. Enquanto o capitão Anatoly Tovrov tacteava para abrir caminho entre a neblina gélida que cobria a costa, conseguia ouvir gargalhadas embriagadas provenientes de bares sórdidos e bordéis apinhados. Passou além do principal amontoado de bares, virou para um beco e abriu uma porta sem qualquer identificação. Sentiu as narinas invadidas por um ar que o cheiro a tabaco e vodka tornava pesado. Um homem corpulento sentado a uma mesa de canto chamou-o com um gesto.

Alexei Federoff era o responsável pela alfândega de Odessa. Quando o capitão estava em terra, tinha por hábito encontrar-se com Federoff na taberna discreta frequentada sobretudo por marinheiros reformados, onde a vodka era barata e raramente letal. O burocrata satisfazia, sem amizade, a necessidade de companhia humana do capitão. Tovrov fazia uma viagem solitária desde que a mulher e a filha tinham perecido anos antes num dos surtos de violência repentinos e sem sentido que afligiam a Rússia.

Federoff parecia estranhamente passivo. Habitualmente, era um homem efusivo que costumava acusar o empregado em tom jocoso de cobrar dinheiro a mais, mas pediu uma rodada limitando-se a erguer dois dedos. De forma ainda mais surpreendente, o frugal funcionário da alfândega pagou as bebidas. Manteve a voz baixa, cofiando nervosamente a ponta da pequena barba negra e olhando com apreensão as outras mesas, onde ma-

rinheiros calejados se curvavam sobre os copos. Satisfeito por comprovar que a conversa era privada, ergueu o copo e brindaram.

— Meu caro capitão — disse. — Lamento dispor de pouco tempo, por isso sou obrigado a ir directamente ao assunto. Gostaria que levasse um grupo de passageiros e uma carga reduzida até Constantinopla, sem fazer perguntas.

— Sabia que algo se passava quando me pagou a bebida — respondeu o capitão com a sua habitual rispidez.

Federoff riu-se. Sempre se sentira intrigado pela honestidade do capitão, mesmo que não conseguisse compreendê-la. — Nós, os pobres funcionários públicos, temos de subsistir com a ninharia que nos pagam.

O capitão esboçou um sorriso nos lábios finos enquanto olhava a barriga dilatada que forçava os botões do caro colete francês de Federoff. O funcionário da alfândega queixava-se com frequência do seu trabalho. Tovrov ouvia com bonomia. Sabia que tinha contactos poderosos em São Petersburgo e que passava os dias a solicitar subornos a armadores para “acalmar os mares” da burocracia, como gostava de referir.

— Conhece o meu navio — disse Tovrov, encolhendo os ombros. — Não será propriamente um pacote de luxo.

— Não importa. Servirá na perfeição para satisfazer as nossas necessidades.

O capitão pensou durante um momento, questionando-se sobre o motivo que levaria alguém a querer viajar num velho navio carvoeiro quando existiam alternativas mais apelativas à disposição. Federoff interpretou a hesitação como o início de uma discussão sobre o pagamento. Levando a mão ao bolso do peito, retirou um grosso envelope e colocou-o sobre a mesa. Abriu-o ligeiramente para que o capitão conseguisse ver que continha milhares de rublos.

— Seria bem compensado.

Tovrov engoliu em seco. Com dedos trémulos, tirou um cigarro do maço e acendeu-o. — Não compreendo — disse.

Federoff notou-lhe o espanto. — O que sabe a respeito da situação política do nosso país?

O capitão recorria a rumores e jornais desactualizados para se manter informado. — Sou um simples marinheiro — respondeu. — Raramente piso solo russo.

— Mesmo assim, é um homem de vasta experiência prática. Peça-lhe que seja franco, meu amigo. Sempre valorizei a sua opinião.

Tovrov ponderou sobre aquilo que sabia acerca das atribulações da Rússia e recorreu a uma metáfora náutica. — Se um navio estivesse no mesmo estado em que se encontra o nosso país, surpreender-me-ia que não estivesse no fundo do mar.

— Sempre admirei a sua franqueza — tornou Federoff com uma gargalhada sonora. — Parece que também é dotado para construir metáforas. — A seriedade regressou. — A resposta que me deu é adequada. A Rússia encontra-se realmente num estado perigoso. Os nossos jovens morrem na Grande Guerra, o czar abdicou, os bolcheviques assumem o poder de forma implacável, os alemães ocupam o nosso flanco meridional e pedimos a outras nações que venham tirar as nossas castanhas do lume.

— Não fazia ideia de que as coisas eram assim tão más.

— E pioram, se conseguirmos acreditar. O que me traz de volta a si e ao seu navio. — Federoff fitou o capitão nos olhos. — Nós, os patriotas leais de Odessa, estamos encurralados contra o mar. O exército branco mantém as suas posições, mas os vermelhos pressionam a partir do norte e não tardarão a levar a melhor. Os dezasseis quilómetros da zona ocupada pelo exército alemão dissolver-se-ão como açúcar em água. Ao aceitar transportar estes passageiros, prestará um grande serviço à Rússia.

O capitão considerava-se um cidadão do mundo, mas, no fundo, não era diferente dos seus compatriotas, com a sua profunda devoção à pátria. Sabia que os bolcheviques prendiam e executavam os membros das forças inimigas e que muitos refugiados tinham fugido para sul. Conversara com outros capitães, que contaram, em surdina, relatos de passageiros importantes transportados pela calada da noite.

O espaço para transportar passageiros não seria problema. O navio encontrava-se praticamente vazio. O *Estrela de Odessa* era a última escolha para os marinheiros que procurassem trabalho. Cheirava a combustível derramado, a metal enferrujado e a carga de baixa qualidade. Os marinheiros descreviam o odor como sendo o fedor da morte e evitavam o navio como se estivesse contaminado pela peste. A tripulação era constituída sobretudo por miseráveis que nenhum outro navio receberia. Tovrov poderia transferir o imediato para os seus aposentos, libertando as cabanas dos oficiais para receber passageiros. Olhou o envelope grosso. O dinheiro significaria a diferença entre morrer num lar para velhos marinheiros e a reforma numa cabana confortável junto ao mar.

— Partimos dentro de três dias com a maré da noite — disse.

— É um verdadeiro patriota — considerou Federoff, com os olhos brilhantes de lágrimas. Empurrou o envelope sobre a mesa. — Isto é metade. Pagarei o resto quando os passageiros chegarem.

O capitão guardou o dinheiro no bolso do casaco, onde lhe pareceu que irradiava calor. — Quantos passageiros serão?

Federoff olhou os dois marinheiros que entraram no bar e se sentaram a uma mesa. Baixou a voz. — Cerca de uma dúzia. Há dinheiro a mais no envelope para comprar comida. Faça as compras em mercados diferentes

para evitar suspeitas. Preciso de ir. — Ergueu-se da cadeira e, numa voz suficientemente sonora para que todos ouvissem, disse num tom severo: — Muito bem, meu caro capitão, espero que compreenda melhor as nossas normas alfandegárias! Tenha um bom dia.

Na tarde que antecedeu a partida, Federoff veio a bordo para informar o capitão de que não havia alterações nos planos. Os passageiros deveriam chegar já noite cerrada. Apenas o capitão deveria estar no convés. Pouco depois da meia-noite, enquanto Tovrov percorria sozinho o convés enevoadado, ouviu um veículo travar ao fundo da escada do portaló. Pelo ruído gutural do motor, calculou que fosse um camião. O motor e os faróis foram desligados. Portas abriram-se e fecharam-se e ouviu-se um murmúrio de vozes e o arrastar de botas sobre o chão de pedra

Uma figura alta usando um capuz subiu a escada, alcançando o convés e aproximando-se do capitão. Tovrov sentiu que uns olhos velados fitavam os seus. A seguir, uma voz masculina grave falou das trevas, sob o capuz.

— Onde são os aposentos dos passageiros?

— Vou mostrar-lhe — respondeu Tovrov.

— Não. Diga-me.

— Muito bem. As cabinas ficam na ponte, no convés superior. A escada é ali.

— Onde está a sua tripulação?

— Estão todos nos beliches.

— Certifique-se de que ficam aí. Espere aqui.

O homem avançou em silêncio até à escada e subiu para as cabinas dos oficiais no convés por baixo da casa do leme. Minutos mais tarde, regressou da sua inspeção. — Melhor do que um estábulo, mas não muito — disse. — Vamos subir a bordo. Mantenha-se fora do caminho. Ali. — Apontou a proa e desceu para o cais.

Tovrov não gostou de receber ordens no seu navio, mas a lembrança do dinheiro guardado no cofre da sua cabina suavizou-lhe os ânimos. E era suficientemente sensato para não discutir com um homem cuja cabeça se erguia acima da sua. Colocou-se na proa como lhe fora instruído que fizesse.

O grupo reunido no cais subiu ao navio. Tovrov ouviu a voz sonolenta de uma rapariga ou rapaz a ser calada por um adulto enquanto os passageiros se encaminhavam para os seus aposentos. Outros se seguiram, arrastando caixas e baús. Pelos grunhidos e pragas, depreendeu que a bagagem fosse pesada. A última pessoa a subir a bordo foi Federoff, que a curta subida deixara ofegante.

— Muito bem, meu caro amigo — disse alegremente, esfregando as mãos enluvadas para se aquecer. — Já está tudo. Estamos prontos?

— Partimos à sua ordem.

— Está dada. Aqui tem o resto do dinheiro. — Passou-lhe um envelope que estalava com notas novas. A seguir, de forma inesperada, envolveu o capitão num abraço de urso e beijou-o em ambas as faces. — A Mãe Rússia não poderá nunca pagar-lhe — sussurrou. — Entrou na história esta noite. — Libertou o surpreendido capitão e desceu o portaló. Após um momento, o camião afastou-se e desapareceu entre a escuridão.

O capitão ergueu o envelope até ao nariz, inalando o cheiro dos rublos novos como se fossem rosas e, a seguir, guardou o dinheiro num bolso do casaco e subiu à ponte. Foi até à cabina dos mapas por trás da casa do leme e atravessou a porta que dava acesso à sua cabina para despertar Sergei, o imediato. Disse ao jovem georgiano que acordasse a tripulação para a partida. Murmurando algo incompreensível para si próprio, o imediato desceu para cumprir as ordens.

Um punhado de destroços humanos subiu ao convés em estados variáveis de sobriedade. Tovrov observou da casa do leme enquanto os cabos foram puxados e a escada do portaló foi içada. Havia doze tripulantes ao todo, incluindo dois homens contratados no último minuto como fogueiros para o “ferro-velho”, como chamavam à casa das máquinas. O mecânico-chefe era um marinheiro competente que se mantinha com o capitão por lealdade. Manipulava a sua lata de óleo como se fosse uma varinha mágica e inspirava vida às peças de sucata que faziam mover o *Estrela*. As caldeiras tinham sido aquecidas e acumulavam vapor tão bem como seria de esperar.

Tovrov colocou as mãos sobre o leme. A campanha de comunicação com a casa das máquinas fez-se ouvir e o navio afastou-se do cais. Enquanto o *Estrela de Odessa* se distanciava lentamente do porto coberto pelo nevoeiro, aqueles que o viram benzeram-se e invocaram preces antigas para manter os demónios à distância. Parecia flutuar sobre as águas como um navio fantasma condenado a deambular pelo mundo à procura de marinheiros afogados para a sua tripulação. As luzes irradiavam um brilho velado, como fogos de santelmo dançando na armação.

O capitão manobrou o navio através do canal sinuoso e passando pelos navios que o nevoeiro ocultava com a facilidade de um golfinho usando o seu radar natural. Anos de viagens entre Odessa e Constantinopla tinham-lhe marcado a rota na memória e não precisava de recorrer a mapas ou aos marcadores do canal para saber quantas voltas do leme seriam necessárias.

Os proprietários franceses do *Estrela* tinham negligenciado intencionalmente a manutenção durante anos, esperando que uma boa tempestade enviase o navio para o fundo, permitindo-lhes reclamar a compensação

do seguro. A ferrugem pingava de goteiras semelhantes a feridas abertas e caía sobre o casco marcado. Os mastros e guindastes estavam corroídos. O navio inclinava-se de forma quase embriagada para bombordo, onde se acumulara água devido a uma infiltração no casco. Os motores, gastos e há muito pedindo uma substituição, ofegavam como se sofressem de enfisema. A irrespirável nuvem negra que se erguia da única chaminé tinha o fedor de enxofre que emanasse do Hades. Como um paciente terminal que, de alguma forma, tivesse conseguido agarrar-se à vida num corpo devastado, o *Estrela* continuava a percorrer os mares muito depois de dever ter sido declarado clinicamente morto.

Tovrov sabia que era o último navio que comandaria. No entanto, esforçava-se por manter uma aparência cuidada. Engraxava os seus sapatos pretos de solas finas todas as manhãs. A camisa branca estava amarelecida, mas limpa, e tentava manter um vinco nas suas calças pretas de tecido gasto. Apenas a perícia cosmética de um embalsamador teria conseguido melhorar a aparência física do capitão. Horários longos, dieta pobre e falta de sono tinham deixado marcas. As faces cavadas tornavam ainda mais proeminente o nariz longo e marcado por veias vermelhas e a pele era cinzenta como um pergaminho.

O imediato voltou a adormecer e a tripulação recolheu aos beliches enquanto o primeiro turno de fogueiros alimentava as caldeiras com carvão. O capitão acendeu um cigarro turco potente, desencadeando uma tosse que o fez curvar-se. Quando conseguiu controlar-se, percebeu que o ar frio do mar entrava por uma porta aberta. Ergueu os olhos e viu que já não estava sozinho. Um homem enorme mantinha-se atravessado na porta, dramaticamente emoldurado pelo nevoeiro. Entrou e fechou a porta atrás de si.

— Luz — disse com uma voz de barítono que o identificava como a figura que primeiro subira a bordo.

Tovrov puxou o fio preso à lâmpada nua que se erguia sobre a sua cabeça. O homem baixou o capuz. Era alto e magro, usando num ângulo inclinado um chapéu de pêlo branco conhecido como *papakha*. Uma cicatriz pálida resultante de um duelo cortava-lhe a face direita sobre o limite da barba e tinha a pele vermelha e queimada pelo sol, com gotículas brilhantes de humidade no cabelo e barba pretos. A íris do olho esquerdo estava enevoada devido a um ferimento ou doença e o olho saudável penetrante dava-lhe uma aparência de ciclope.

A capa forrada com pêlo abriu-se, revelando um coldre de pistola no cinto, e segurava uma espingarda na mão. Uma cartucheira atravessava-lhe o peito e um sabre pendia do cinto. Vestia uma túnica cinzenta e trazia nos pés botas altas de cabedal preto. A farda e a aparência de violência contida a custo identificavam-no como um cossaco, membro da feroz casta de guer-

reiros que habitava as margens do Mar Negro. Tovrov acalmou a repulsa. Tinha havido cossacos envolvidos na morte da sua família e esforçava-se por evitar os cavaleiros belicosos que pareciam sentir-se no pico da felicidade quando inspiravam o medo.

O homem olhou em redor para a casa do leme deserta. — Sozinho?

— O imediato dorme ali atrás — respondeu Tovrov, inclinando a cabeça. — Está bêbado e não ouve nada. — Levou uma mão aos cigarros e ofereceu um.

— Sou o major Peter Yakelev — disse o homem, recusando o cigarro com um gesto. — Fará como lhe disserem, capitão Tovrov.

— Confie que estou ao seu serviço, major.

— Não confio em ninguém. — Aproximou-se e cuspiu as palavras. — Nem nos russos brancos nem nos vermelhos. Nem nos alemães nem nos britânicos. Todos estão contra nós. Até alguns cossacos se juntaram aos bolcheviques. — Olhou o capitão, procurando um lampejo de desafio. Não encontrando ameaça na expressão neutra, esticou os dedos grossos.

— Cigarro — grunhiu.

Tovrov passou-lhe o maço inteiro. O major acendeu um e sorveu o fumo como se fosse um elixir. O capitão sentia-se intrigado pelo forma de falar do major. O seu pai trabalhou como cocheiro para um proprietário rural rico e isso fizera-o familiarizar-se com a dicção culta da elite russa. Aquele homem parecia ter emergido das estepes, mas falava com uma inflexão instruída. Tovrov sabia que oficiais superiores formados na academia militar eram frequentemente escolhidos para liderar tropas cossacas.

Notou o cansaço na sua expressão abatida e a inclinação ligeira dos ombros poderosos.

— Uma viagem longa? — perguntou.

O major esboçou um sorriso sem qualquer humor. — Sim. Uma viagem longa e dura. — Soprou colunas gémeas de fumo das narinas e retirou uma pequena garrafa de vodka do casaco. Bebeu um gole e olhou em redor. — Este navio tresanda.

— O *Estrela* é uma senhora muito idosa com um óptimo coração.

— A sua senhora tresanda — insistiu o cossaco.

— Quando chegar à minha idade, aprenderá a ignorar o nariz e a aceitar o que lhe aparecer.

O major rugiu uma gargalhada e bateu com a mão nas costas de Tovrov com tanta força que este começou a tossir com pontadas dolorosas nos seus pulmões devastados. O cossaco ofereceu-lhe a garrafa e o capitão conseguiu beber um gole. Era vodka de alta qualidade, não a zurrapa a que estava habituado. O líquido ardente acalmou a tosse. Devolveu a garrafa e segurou o leme.

Yakelev guardou a garrafa. — O que lhe disse Federoff? — perguntou.

— Apenas que transportamos carga e passageiros de grande importância para a Rússia.

— Não sente curiosidade?

Tovrov encolheu os ombros. — Ouvi dizer o que se passa a oeste. Presumo que sejam burocratas fugindo dos bolcheviques com as famílias e os poucos pertences que consigam transportar.

Yakelev sorriu. — Sim, seria uma boa história.

Encorajado, Tovrov arriscou. — Se me é permitido perguntar, porque escolheram o *Estrela de Odessa*? Existirão certamente navios mais novos preparados para transportar passageiros.

— Pense, capitão — disse Yakelev com sobrançeria. — Ninguém esperar que esta velha barcaça transporte passageiros de importância. — Olhou a noite através da janela. — Quanto tempo falta para Constantinopla?

— Dois dias e duas noites se tudo correr bem.

— Certifique-se de que corre bem.

— Darei o meu melhor. Mais alguma coisa?

— Sim. Diga aos tripulantes para se manterem longe dos passageiros. Uma cozinheira irá à cozinha preparar as refeições. Ninguém lhe dirigirá a palavra. Há seis guardas, incluindo-me a mim, e estaremos permanentemente de serviço. Quem se aproximar das cabinas sem autorização será abatido. — Pousou a mão sobre o punho da pistola para conferir ênfase às palavras.

— Tratarei de informar a tripulação — disse o capitão. — Os únicos que costumam estar na ponte são o imediato e eu próprio. Chama-se Sergei.

— O bêbado?

Tovrov acenou afirmativamente. O cossaco abanou a cabeça em descredito, percorrendo a casa do leme com o olho saudável e saindo de forma tão repentina como chegara.

Tovrov olhou a porta aberta e coçou o queixo. Passageiros que trazem guardas armados não são meros burocratas, pensou. Devia transportar alguém em posição mais elevada na hierarquia, talvez até membros da corte. Mas isso não lhe dizia respeito, decidiu, e voltou às suas tarefas. Consultou a bússola, fixou o leme e saiu para o convés de bombordo para aclarar as ideias.

O ar húmido trazia um perfume carregado de fragrâncias das terras ancestrais que rodeavam o mar. Inclinou a cabeça, esforçando-se em ouvir por sobre a vibração errática dos motores do *Estrela*. Décadas passadas no mar tinham-lhe aguçado os sentidos. Havia outro navio movendo-se por

entre o nevoeiro. Quem mais poderia ser assim tresloucado ao ponto de navegar numa noite tão terrível? Talvez fosse o efeito da vodka.

Um novo som abafou o ruído do navio. Ouvia-se música vinda dos aposentos dos passageiros. Alguém tocava uma concertina e vozes masculinas cantavam em coro. Era o hino nacional russo, “*Baje Tsaria Krani*”. “Deus Guarde o Czar.” A melancolia das vozes entristeceu-o e voltou para o interior da casa do leme, fechando a porta para não ser assombrado pela canção.

Com a chegada da aurora o nevoeiro desapareceu e o imediato, de olhos ensonados e a cambalear, aprestou-se para substituir o capitão. Tovrov transmitiu-lhe a rota a seguir e saiu para o exterior, bocejando ao sol nascente. Varreu o mar azul e acetinado com o olhar e percebeu que os seus instintos estavam certos. Um barco de pesca seguia a rota do *Estrela* em paralelo. Observou-o durante alguns minutos, encolheu os ombros e fez a ronda, avisando todos os tripulantes de que os aposentos dos oficiais estavam fora dos seus limites.

Depois de confirmar que tudo estava bem, enfiou-se na cama e dormiu vestido. O imediato tinha recebido ordens para o acordar ao primeiro sinal de algo invulgar. De qualquer forma, Tovrov, que aperfeiçoara a arte de dormir, acordou várias vezes e regressou a um sono profundo. Por volta do meio-dia acordou de vez e foi até à cantina, onde comeu pão e queijo acompanhando os enchidos que comprara com a sua riqueza recém-adquirida. Uma mulher encorpada também lá estava, debruçada sobre o fogão e, por perto, um cossaco de aspecto duro ajudava-a, transportando as painéis fumegantes para as cabinas dos passageiros. Depois de comer, Tovrov substituiu o imediato, permitindo-lhe uma pausa para almoçar. Enquanto o dia prosseguia, o barco de pesca foi-se deixando ficar para trás, até se reduzir a um ponto no horizonte.

O *Estrela* parecia perder anos enquanto deslizava sobre a superfície reluzente do mar iluminado pelo sol. Ansioso por chegar a Constantinopla, o capitão ordenou que a velocidade fosse mantida quase no máximo, mas o navio acabou por pagar pela sua prestação arrojada. Por volta da hora do jantar, um dos motores falhou e, apesar de o imediato e do mecânico terem trabalhado sobre ele durante horas, conseguiram apenas ficar cobertos de sujidade. O capitão percebeu que os esforços eram inúteis e ordenou-lhes que prosseguissem apenas com um motor.

O major aguardava na casa do leme e rugiu como um touro ferido quando o capitão expôs o problema. Disse que chegariam a Constantinopla, mas com algum atraso. Talvez um dia adicional.

Yakelev ergueu o punho no ar e fixou o olho furioso no capitão. Tovrov esperou ser desfeito em carne para *goulash*, mas, subitamente, o major

voltou-se sobre os calcanhares e saiu disparado. O capitão suspirou de alívio e debruçou-se sobre os mapas. O navio avançava a metade da velocidade, mas, pelo menos, avançava. Rezou ao ícone de São Basílio, na parede, para que o motor aguentasse.

Yakelev estava mais calmo quando regressou. O capitão perguntou-lhe como estavam os passageiros. Estavam bem, respondeu o major, mas estariam melhor se aquele balde de ferrugem fedorento em que viajavam chegasse ao destino. O nevoeiro avançou ao fim do dia e Tovrov teve de reduzir a velocidade em alguns nós. Esperou que Yakelev dormisse e não desse por isso.

Tinha um tique mental comum aos homens que passaram toda a vida no mar, movendo os olhos de um lado para o outro, olhando a bússola e o barómetro dúzias de vezes em cada hora. Entretanto, ia também caminhando de um lado ao outro do convés para observar as condições meteorológicas e marítimas. Por volta da uma da manhã, saiu para o convés de bombordo... e começou a sentir um formigueiro no pescoço. Estavam a ser alcançados por uma embarcação. Ouviu com atenção. Aproximava-se a grande velocidade.

Tovrov era um homem simples, mas não era estúpido. Puxou o telefone que permitia a comunicação entre a ponte e as cabinas dos oficiais.

Yakelev atendeu. — O que quer? — perguntou.

— Precisamos de falar — respondeu Tovrov.

— Passarei por aí mais tarde.

— Não. É muito importante. Precisamos de falar agora.

— Muito bem. Desça aos aposentos dos passageiros. Não tenha medo — disse com um riso maldoso. — Tentaremos não lhe dar um tiro.

O capitão desligou e acordou Sergei, que tresandava a álcool. Serviu ao imediato uma chávena de café forte sem açúcar.

— Mantém a rota para sul. Volto dentro de minutos. Qualquer erro será punido com o fim da ração de vodka até chegarmos a Constantinopla.

Tovrov correu para baixo e abriu a porta com cautela, quase esperando ser recebido por uma saraivada de balas. Yakelev esperava-o. Erguia-se com as pernas afastadas e as mãos nas ancas. Havia quatro outros cossacos a dormir no chão. Um quinto estava sentado de pernas cruzadas com as costas para a porta da cabina e uma espingarda equilibrada sobre os joelhos.

Yakelev olhava-o com ar ameaçador. — Acordou-me.

— Venha comigo, por favor — pediu o capitão, voltando a sair. Desceram até ao convés principal coberto de nevoeiro e encaminharam-se para a popa. O capitão debruçou-se sobre a amurada e perscrutou com o olhar a escuridão densa que os envolvia. Ouviu durante alguns segundos, tentando bloquear o borbulhar e silvar da água.

— Há um barco a seguir-nos — disse.

Yakelev olhou-o com suspeição e ergueu a mão até ao ouvido. — Está doido. Não ouço nada além do barulho do seu estúpido navio.

— É um cossaco — ripostou Tovrov. — Percebe de cavalos?

— Claro — respondeu o major com um ronco de desprezo. — Há algum homem verdadeiro que não perceba?

— Eu não percebo, mas percebo de navios. E estamos a ser seguidos. O barco tem um pistão que falha a batida. Penso que será o barco de pesca que vi antes.

— E então? Estamos no mar. No mar há peixe.

— Não há peixe tão longe da costa. — Tornou a ouvir. — Sem dúvida. É o mesmo barco e está a aproximar-se.

O major proferiu uma torrente de pragas e bateu com a mão na amurada. — Tem de os deixar para trás.

— Impossível apenas com um motor.

A mão de Yakelev segurou o casaco de Tovrov e ergueu-o sobre a ponta dos pés.

— Não me diga que é impossível — rosou. — Levámos semanas a vir de Kiev. A temperatura era de trinta graus abaixo de zero. O vento açoitava-nos a cara como chicotes. Houve um *burin*, uma borrasca como nunca antes vi. Tinha uma *sontia* completa de cem cossacos quando parti. Estes pobres coitados são o que sobra. O resto dos meus homens ficou para trás para nos cobrir quando atravessámos as linhas alemãs. Se não fosse a ajuda dos tártaros já estaríamos todos mortos. Arranjámos forma de conseguir. Você fará o mesmo.

Tovrov esforçou-se para não tossir. — Então recomendo que mudemos de rota e apaguemos as luzes.

— Faça-o — ordenou Peter, libertando-o.

O capitão recuperou o fôlego e regressou à ponte, seguido de perto pelo major. Quando chegaram à escada que conduzia à casa do leme, surgiu no convés acima um quadrado de luz intensa. Várias pessoas saíram para a plataforma aberta. A luz vinha do interior e tinham as faces ocultas pela sombra.

— Para dentro! — gritou Yakelev.

— Viemos apanhar ar — disse uma mulher, com sotaque alemão. — Está muito abafado na cabina.

— Por favor, madame — disse o major, num tom mais delicado e implorante.

— Como queira — disse a mulher após um momento. A relutância era óbvia, mas voltou para o interior com os outros. Quando se voltou, Tovrov viu-lhe o perfil. Tinha um queixo forte e o nariz curvava-se ligeiramente na extremidade.

Um guarda saiu para fora e disse para baixo: — Não consegui impedi-los, major.

— Volta para dentro e fecha a porta antes que o resto do mundo ouça as tuas desculpas imbecis.

O guarda desapareceu e bateu com a porta atrás de si. Enquanto Tovrov olhava a plataforma vazia, os dedos do major rodaram-lhe o braço.

A sua voz era áspera e baixa. — Não viu nada, capitão.

— Aquelas pessoas...

— Nada! Por amor de Deus, homem. Não quero matá-lo.

Tovrov começou a formular uma resposta, mas as palavras não chegaram a ser pronunciadas. Sentiu uma mudança no movimento do navio e libertou o braço da mão de Yakelev. — Preciso de ir para a ponte.

— O que se passa?

— Não está ninguém ao leme. Não sente? O idiota do meu imediato deve estar bêbado.

Tovrov deixou o major para trás e subiu até à casa do leme. Com a luz da caixa de bússola, viu o leme mover-se para um lado e para o outro como se fosse movido por mãos invisíveis. Entrou e pisou algo macio. Praguejou, pensando que o imediato teria perdido os sentidos. A seguir, acendeu a luz e percebeu que se enganara.

O imediato estava deitado de bruços no convés de metal, com uma poça de sangue em redor da cabeça. A ira de Tovrov transformou-se em alarme. Ajoelhou-se junto ao jovem oficial e voltou-o. O sorriso grotesco de uma segunda boca marcava o ponto em que a garganta do pobre coitado fora cortada.

Com os olhos escancarados pelo horror, ergueu-se e afastou-se do cadáver, embatendo contra uma parede de carne sólida. Voltou-se e viu Yakelev.

— O que aconteceu? — perguntou o major.

— É horrível! Alguém matou o imediato.

Yakelev pontapeou o cadáver ensanguentado com a bota. — Quem poderá ter feito isto?

— Ninguém.

— Ninguém matou o seu imediato como um porco? Um pouco de bom senso, capitão.

Tovrov abanou a cabeça, incapaz de afastar o olhar do corpo do imediato. — Queria dizer que conheço bem a tripulação. — Fez uma pausa. — Excepto os dois homens novos.

— Que homens novos? — Os olhos de Yakelev fixaram-se sobre Tovrov como holofotes.

— Contratei-os há dois dias atrás como fogueiros. Estavam no bar

enquanto falava com Federoff e procuraram-me mais tarde em busca de trabalho. Pareciam rufias, mas precisava de tripulantes. . .

Praguejando, Yakelev puxou a pistola para fora do coldre, empurrou Tovrov para o lado e saiu porta fora, gritando ordens aos seus homens. Tovrov olhou o imediato e jurou não deixar que lhe acontecesse o mesmo sem luta. Prendeu o leme e foi para a sua cabina, girando com mãos trémulas o botão de combinação do cofre. Retirando uma *Mauser* automática de 7.63 milímetros, desembrollou o veludo macio que protegia a arma, comprada anos antes como pechincha para a eventualidade de um motim, enfiando a pistola no cinto e espreitando pela porta da cabina.

Descendo ao convés inferior, espreitou pela pequena janela circular na porta que conduzia aos aposentos dos passageiros. O corredor estava vazio. Desceu ao convés principal e avançou em frente com cautela. Iluminados pelas luzes do convés, viu os cossacos agachados junto à amurada.

Subitamente, um pequeno objecto escuro voou sobre a amurada, ressaltando uma única vez e rodando sobre o convés molhado, deixando um rasto de faíscas.

— Granada! — gritou alguém.

Movendo-se como um relâmpago, Yakelev lançou-se sobre a granada rodopiante, deslizou sobre as costas e lançou o ananás metálico borda fora. Ouviu-se uma explosão e os gritos de dor que se seguiram foram abafados quando os cossacos começaram a disparar sobre a neblina. Um dos guardas inclinou-se para fora com uma faca aguçada e cortou os cabos presos a vários ganchos metálicos. A seguir, ouviu-se o rugido de um motor, como se tivesse sido activado na máxima velocidade. Os cossacos continuaram a disparar até o barco estar fora de alcance.

O major voltou-se e ergueu a espingarda em posição de disparo. A seguir, sorriu ao reconhecer o capitão.

— É melhor guardar esse brinquedo antes que dê um tiro no pé, capitão.

Tovrov enfiou a pistola no cinto e caminhou até Yakelev. — O que aconteceu?

— Estava certo quanto a termos sido seguidos. Um barco de pesca aproximou-se e uns fulanos indelicados tentaram subir a bordo sem serem convidados. Tivemos de lhes ensinar maneiras. Um dos seus novos tripulantes fazia-lhes sinais com uma lanterna até lhe cravar uma faca no coração. — Apontou um corpo deitado no convés.

— Demos uma recepção calorosa aos seus visitantes — disse outro cossaco, sendo acompanhado pelos companheiros no riso. Os guardas ergueram o corpo e lançaram-no ao mar. O capitão estava prestes a perguntar onde estaria o outro fogueiro. Demasiado tarde.

O fogueiro desaparecido anunciou a sua presença com força mortal. Um tiro de espingarda interrompeu a alegria dos cossacos e quatro homens foram lançados ao chão como se tivessem sido atingidos por uma foice invisível. Uma bala cravou-se no peito de Yakelev, projectando-o contra a amurada. Recusou-se a cair e conseguiu reunir forças para empurrar o capitão para longe da linha de fogo. O cossaco restante deitou-se de bruços, rastejando pelo convés enquanto disparava, mas foi morto antes de conseguir escudar-se atrás de uma tomada de ar.

Enquanto o atacante desviara a sua atenção, Tovrov e o major conseguiram fugir, mas, após alguns passos, os joelhos do major cederam e o seu grande corpo caiu no convés, com a túnica ensopada de sangue. Fez um gesto ao capitão, que aproximou o ouvido da sua boca.

— Zele pela família — disse, com um sussurro húmido e gutural. — Têm de sobreviver. — Tacteu com a mão à procura do casaco de Tovrov. — Lembre-se. Sem um czar, a Rússia não poderá subsistir. — Pestanejou, espantado por estar em tal posição e emitiu uma gargalhada curta através dos lábios sangrentos. — Para o diabo com este navio... antes um cavalo... — A vida escapou dos seus olhos ferozes, o queixo ergueu-se e os dedos perderam a força.

Nesse momento, o navio foi sacudido por uma explosão tremenda. Agachando-se, Tovrov correu para a amurada e viu o barco de pesca a umas centenas de metros de distância. Um clarão brilhante projectou-se do cano de um canhão fixo e um segundo obus embateu contra o casco. O navio agitou-se com violência.

Ouviu-se um estouro seco vindo de baixo, quando os tanques de combustível se incendiaram, e o combustível flamejante projectou-se para o exterior em lençóis de chamas que se espalhavam sobre a superfície das águas. O segundo fogueiro decidiu abandonar o navio. Correu através do convés, lançou a espingarda borda fora, subiu para a amurada, saltou para a água livre de chamas e nadou em direcção ao barco de pesca. Mas subestimou a velocidade do combustível e, em segundos, foi alcançado e os seus gritos foram afogados pelo crepitar ruidoso das chamas.

Os disparos de canhão haviam desalojado o resto da tripulação dos seus abrigos. Os homens corriam em desespero para o salva-vidas no lado oposto ao das chamas. Tovrov preparava-se para segui-los quando recordou as últimas palavras de Peter. Esforçando-se por encher de ar os pulmões doentes, subiu aos aposentos dos passageiros e escancarou a porta.

Foi recebido por uma visão devastadora. Quatro raparigas adolescentes tremiam contra a parede, juntamente com a cozinheira. Uma mulher de meia-idade com olhos tristes de um azul acinzentado erguia-se à sua frente numa atitude de protecção. Tinha um nariz longo e fino, ligeiramen-

te aquilino, com um queixo firme mas delicado. Pressionava os lábios com determinação. Poderiam ser qualquer grupo de refugiados aterrorizados, mas Tovrov sabia que não eram. Vacilou ao tentar encontrar a forma adequada de tratamento.

— Madame — acabou por dizer. — Tem de vir para o salva-vidas com as crianças.

— Quem é você? — perguntou a mulher com o mesmo sotaque alemão que o capitão ouvira antes.

— Sou o capitão Tovrov. O comandante deste navio.

— Diga-me o que aconteceu. Que barulho foi aquele?

— Os seus guardas estão mortos. O navio está a ser atacado. Precisamos de o abandonar.

Olhou as raparigas e pareceu recuperar a coragem. — Capitão Tovrov, se conseguir levar-me a mim e à minha família até local seguro, será grandemente recompensado.

— Darei o meu melhor, madame.

Acenou afirmativamente. — Vá. Segui-lo-emos.

Tovrov espreitou para ver se o caminho estava livre e manteve a porta aberta para a família, levando-os a atravessar o convés para longe das chamas. O *Estrela* inclinava-se num ângulo pronunciado e tiveram de se esforçar para subir a superfície metálica escorregadia. Caíram, ajudando-se mutuamente a seguir em frente.

A tripulação amontoava-se no salva-vidas, debatendo-se com os guindastes. Assumindo o controlo, o capitão ordenou aos homens que ajudassem a família. Quando todos estavam no barco, receou que os guindastes não funcionassem com o navio naquele ângulo, mas o barco desceu, apesar de embater contra o casco inclinado.

Estavam poucos metros acima de água quando um dos homens gritou. O barco dera a volta e o canhão estava apontado directamente ao salva-vidas. Disparou e o obus cravou-se numa extremidade do bote, enchendo o ar de farpas de madeira, metal quente e fragmentos de corpos.

Tovrov estendera o braço para a rapariga mais próxima. Ainda tinha o braço em redor dela quando caiu à água gélida, chamando pelo nome da sua filha há muito desaparecida. Vendo uma escotilha de madeira flutuando por perto e avançando lentamente para não atrair a atenção dos atacantes, nadou para os destroços, arrastando atrás de si a rapariga quase inconsciente. Ajudou-a a trepar para cima da jangada improvisada, empurrou-a e a escotilha e o seu passageiro avançaram para longe das luzes do navio que se afundava, mesclando-se com a escuridão. A seguir, gelado e exausto, sem nada que o mantivesse à superfície, deixou-se afundar, levando consigo o seu sonho de uma cabana junto ao mar.

1

AO LARGO DA COSTA DO MAINE, PRESENTE

LEROY JENKINS IÇAVA UMA ARMADILHA PARA LAGOSTAS INCRUSTADA DE lapas para bordo do seu barco, *O Peneireiro*, quando ergueu os olhos e viu um navio gigantesco no horizonte. Extraiu despreocupadamente um gordo e irado par de crustáceos da armadilha, prendeu as tenazes e lançou as lagostas para o tanque, voltando a reabastecer a armadilha com uma cabeça de peixe que servia de isco, empurrando a gaiola de arame para o mar e dirigindo-se à cabina de pilotagem para ir buscar os binóculos. Espreitou através das lentes e os seus lábios formaram uma palavra em silêncio: “Uau!”

O navio era enorme. Jenkins examinou-o da popa à proa com olhar experiente. Antes de se reformar para se dedicar à captura de lagostas, ensinara oceanografia durante anos na Universidade do Maine e passara muitas férias de Verão em navios de pesquisa, mas este não se assemelhava a qualquer outro que tivesse visto. Calculou que o comprimento rondasse os cento e oitenta metros. Guindastes e gruas erguiam-se do convés. Pensou que fosse algum tipo de navio de exploração ou de extracção de minério. Seguiu-o com o olhar até desaparecer de vista e, a seguir, voltou a puxar as restantes armadilhas.

Jenkins era um homem alto e magro que já passara dos sessenta anos e cujas feições rudes eram quase um espelho da costa rochosa do seu Maine natal. Um sorriso esboçou-se na sua face profundamente bronzeada enquanto içava a última armadilha. Fora um dia excepcionalmente proveitoso. Descobrira o filão por acidente um par de meses antes. Aquele local produzira uma quantidade interminável de lagostas e continuava a voltar ali, apesar de ser forçado a afastar-se mais da costa do que seria normal. Felizmente, o seu barco de madeira de dez metros era navegável até com a carga máxima. Traçando o curso para terra, activou o piloto automático e

desceu para se recompensar com aquilo a que costumavam chamar uma sandes *Dagwood*, quando era miúdo. Acabara de aplicar mais uma tira de mortadela sobre a pilha de fiambre, queijo e salame quando ouviu um BUM abafado. Assemelhara-se a um trovão, mas parecia vir do fundo.

O barco sacudiu-se com tanta violência que os frascos de mostarda e maionese rebolaram para fora do balcão. Jenkins lançou a faca ao lava-loiça e correu para o convés. Questionou-se se a hélice se teria soltado ou se tinha sido atingido por um tronco flutuante, mas tudo parecia em ordem. O mar estava calmo e praticamente sem ondulação. Anteriormente, a superfície azul recordara-lhe uma tela de Rothko.

A vibração parara e olhou cuidadosamente em redor. Encolheu os ombros e voltou a descer. Terminou de preparar a sandes, limpou o que sujara e subiu ao convés para comer. Reparando que um par de armadilhas se tinha movido, prendeu-as com um cabo e, quando entrava na casa do leme, sentiu uma pressão desagradável sobre o estômago, como se alguém tivesse pressionado o botão de subida num elevador rápido. Segurou-se ao guindaste mecânico para manter o equilíbrio. O barco mergulhou e tornou a levitar, desta vez mais alto, voltando novamente a mergulhar e repetindo o ciclo uma terceira vez antes de repousar novamente, balançando violentamente de lado a lado.

Após alguns minutos, quando o movimento parou e o barco se estabilizou, Jenkins notou que algo se movia à distância. Após ter ido buscar os binóculos à casa do leme, varreu o horizonte, ajustando o anel de foco, e viu três paredes escuras estendendo-se de norte para sul. As ondas moviam-se em direcção à costa. Uma campainha de alarme há muito adormecida começou a soar na sua cabeça. Impossível. Recordou aquele dia de Julho em 1998, ao largo da costa de Papua-Nova Guiné. Estivera a bordo de um navio, ocupado com uma pesquisa, quando se verificara uma explosão misteriosa e os instrumentos de medição sísmica enlouqueceram, indicando uma perturbação no fundo oceânico. Reconhecendo os sintomas de um tsunami, os cientistas a bordo tentaram alertar a costa, mas muitas das aldeias não tinham meios de comunicação. As enormes ondas arrasaram as aldeias como um gigantesco rolo compressor. A destruição fora horripilante. Jenkins nunca esquecera a visão de corpos empalados em ramos do mangal com os crocodilos a alimentarem-se dos mortos.

O rádio estalou com um coro de sotaques cerrados do Maine quando os pescadores inundaram o éter. — Uau! — disse uma voz que Jenkins reconheceu como pertencendo ao seu vizinho, Elwood Smalley. — Ouviram a explosão?

— Parecia um caça. Só que debaixo de água — respondeu outro pescador.

— Mais alguém sentiu as ondas? — perguntou um terceiro homem.

— Sim — respondeu um lacónico pescador de lagostas chamado Homer Gudgeon. — Por um momento, achei que estava numa montanha-russa.

Jenkins mal ouviu as vozes que se seguiram. Retirou uma calculadora de bolso de uma gaveta, fez uma estimativa do espaço de tempo entre as ondas e a sua altura, fez alguns cálculos breves e olhou os números com descrença. A seguir, pegou no telemóvel que usava quando não queria enviar mensagens pessoais pelo rádio e marcou um número.

A voz grave de Charlie Howes, o chefe de polícia de Rocky Cove, ouviu-se do outro lado da linha.

— Charlie, ainda bem que te apanho!

— Estou no carro a caminho da esquadra, Roy. Estás a ligar para te gabares de me teres batido no xadrez ontem à noite?

— Fica para outra altura — disse Jenkins. — Estou a leste de Rocky Point. Olha, Charlie, não temos muito tempo. Há uma grande onda a caminho da cidade.

Ouviu uma gargalhada seca. — Bolas, Roy — disse o chefe de polícia, — uma cidade costeira como a nossa apanha muitas ondas.

— Não como esta. Tens de evacuar quem estiver perto do porto. Sobretudo os ocupantes do motel novo.

Jenkins pensou que a chamada tivesse caído. Seguiu-se a célebre bravata de Charlie Howes. — Não sabia que era Dia das Mentiras.

— Charlie, isto não é uma piada — disse Jenkins em desespero. — A onda vai abater-se sobre o porto. Não sei que força terá porque há variáveis desconhecidas, mas o motel está na sua trajectória.

O chefe de polícia voltou a rir. — Muita gente gostaria de ver o Harborview levado pelo mar.

O edifício de dois andares que se prolongava para o porto sobre estacas fora motivo de controvérsia durante meses. Construíra-se só depois de um conflito amargo, um processo judicial caro iniciado pelos investidores e após muitas suspeitas de suborno às autoridades responsáveis.

— O seu desejo vai cumprir-se, mas, primeiro, tens de tirar os hóspedes de lá.

— Bolas, Roy. Devem ter cem hóspedes. Não os posso arrancar de lá sem motivo. Perderia o emprego. Pior ainda, seria motivo de chacota.

Jenkins olhou para o relógio e praguejou de forma inaudível. Não quisera assustar o chefe, mas esgotara a sua contenção.

— Raios partam, velho idiota! Como te sentirás quando cem pessoas morrerem porque não queres que se riam de ti?

— Não estás a brincar, Roy?

— Sabes o que fazia antes das lagostas.
— Sim, eras professor na universidade em Orono.
— Isso mesmo. Era o responsável pelo departamento de oceanografia. Estudávamos a acção das ondas. Já ouviste falar da Tempestade Perfeita? Tens a onda perfeita a caminho. Pelos meus cálculos, vai chegar aí dentro de vinte e cinco minutos. Não me importa o que digas às pessoas do motel. Diz-lhes que há uma fuga de gás, uma ameaça de bomba, qualquer coisa. Mas leva-as para terreno alto. E fá-lo agora.

— Está bem, Roy. Está bem.

— Está alguma coisa aberta na Main Street?

— A cafetaria. O rapaz dos Jacoby está no turno da noite. Digo-lhe para passar por cá e mando-o à doca pesqueira.

— Certifica-te de que todos estão fora da área nos próximos quinze minutos. Isso inclui-te a ti e ao Ed Jacoby.

— É o que farei. Obrigado, Roy. Acho eu. Adeus.

Jenkins sentia-se quase tonto com a tensão. Visualizou Rocky Point. A cidade de mil e duzentos habitantes fora construída em anfiteatro, com as casas distribuindo-se pela encosta de uma pequena colina sobre um porto circular. O porto estava relativamente protegido, mas os habitantes haviam aprendido, após um par de furacões, a construir longe da água. Os velhos edifícios marítimos de tijolo na rua principal tinham sido transformados em lojas e restaurantes para os turistas. A doca pesqueira e o motel dominavam o porto. Jenkins aumentou a velocidade e rezou para que o seu alerta tivesse sido dado a tempo.

O chefe Howes arrependeu-se imediatamente de ter acedido às súplicas urgentes de Roy e sentiu-se tomado por uma sensação entorpecente de incerteza. Seria preso por ter cão e preso por não ter. Conhecia Jenkins desde a infância e lembrava-se de que era o miúdo mais esperto da turma. Nunca tinha falhado como amigo. E mesmo assim... Bolas, de qualquer forma, estava perto da reforma.

Ligou a sirene, pressionou o acelerador a fundo e, com um guinchar fumegante dos pneus, disparou a caminho da marginal. Enquanto percorria a curta distância, contactou o seu adjunto pelo rádio e disse-lhe para evacuar a cafetaria e subir a Main Street, usando o altifalante para instruir as pessoas a procurarem terreno elevado. O chefe de polícia conhecia os ritmos diurnos da cidade. Quem estaria acordado, quem estaria a passear o cão. Felizmente, a maioria do comércio não abria antes das dez.

O motel era outra história. Howes fizera encostar dois autocarros vazios a caminho de irem buscar crianças para a escola e pediu aos condutores para o seguirem. O carro-patrolha travou a fundo por baixo do toldo

do motel e o chefe atravessou a correr a porta da frente. Howes sentira-se indeciso quanto ao motel. Destruíra a integridade do porto, mas poderia proporcionar empregos aos locais, já que nem todos na cidade queriam dedicar-se à pesca. Por outro lado, não lhe agradava a forma como a aprovação do projecto fora forçada. Não conseguia provar nada, mas estava certo de terem existido subornos na câmara municipal.

O investidor era um cidadão local chamado Jack Shrager, um imobiliário sem escrúpulos que construía apartamentos ao longo das margens do rio que desaguava no porto, contribuindo ainda mais para macular a beleza serena da cidade. Shrager nunca contratava gente da cidade, preferindo estrangeiros que trabalhassem longas horas e por pouco dinheiro.

O funcionário da recepção, um jovem jamaicano, olhou-o com uma expressão espantada na sua face magra e escura quando o chefe de polícia correu pelo átrio gritando: — Evacue o motel! É uma emergência!

— Qual é o problema?

— Fui informado de que há aqui uma bomba.

O funcionário engoliu em seco. A seguir, debruçou-se sobre o painel de comunicações e começou a ligar para os quartos.

— Tem dez minutos — enfatizou Howes. — Há autocarros à espera na entrada. Faça-os sair todos e saia você também. Diga aos que se recusarem que serão presos.

O chefe correu pelo corredor mais próximo e bateu nas portas. — Polícia! Precisam de evacuar o edifício imediatamente. Têm dez minutos — gritou às caras sonolentas que o olharam. — Houve uma ameaça de bomba. Não percam tempo a recolher os vossos pertences.

Repetiu a mensagem até ficar rouco. Os corredores encheram-se de gente em roupões de banho e pijamas ou embrulhados em cobertores. Um homem de pele morena com uma expressão desagradável no rosto saiu de um dos quartos. — Que raio se passa? — exigiu saber Jack Shrager.

Howes engoliu em seco. — Houve uma ameaça de bomba, Jack. Tem de sair.

Uma jovem loura espreitou para fora do quarto. — O que se passa, querido?

— Há uma bomba no motel — explicou o chefe, tentando ser mais específico.

A cara da mulher ficou lívida e saiu para o corredor. Estava vestida com um roupão de seda. Shrager tentou segurá-la, mas ela afastou-se.

— Não fico aqui — disse.

— E eu não saio — disse Shrager. Bateu com a porta.

Howes abanou a cabeça com frustração. A seguir, conduziu a mu-

lher pelo braço, juntando-se à multidão a caminho da porta da frente. Viu que os autocarros estavam quase cheios e gritou para os motoristas.

— Partam dentro de cinco minutos. Vão para o ponto mais alto da cidade.

Enfiou-se dentro do carro-patrolha e dirigiu-se para a doca. O adjunto discutia com três pescadores. Howes viu o que se passava e gritou pela janela. — Enfiem-se nas carrinhas e vão para o cimo da Hill Street ou serão presos.

— Que raio se passa, Charlie?

Howes baixou a voz. — Olha, Buck, tu conheces-me. Faz o que te digo e explico mais tarde.

O pescador acenou afirmativamente e entrou na sua carrinha, imitado pelos outros. Howes disse ao adjunto para o seguir e fez uma última ronda pela doca, onde apanhou um velho que procurava latas e garrafas nos contentores de lixo. A seguir, atravessou a Main Street, viu que tudo estava calmo e dirigiu-se para o cimo da Hill Street.

Algumas das pessoas que tremiam com o ar frio da manhã gritaram-lhe. Howes ignorou os insultos, saiu do carro-patrolha e deu alguns passos pela encosta que conduzia ao porto. Agora que a adrenalina acalmara, sentiu os joelhos a fraquejar. Nada. Olhou para o relógio. Passaram cinco minutos. E, com eles, iam os seus sonhos de reforma pacífica com uma pensão da polícia. Estou morto, pensou, suando mesmo com o frio que se sentia.

A seguir, viu o mar erguer-se no horizonte e ouviu algo que se assemelhava a um trovão distante. A gente da cidade deixou de gritar. A abertura do canal escureceu e o porto esvaziou (conseguiu ver o fundo), mas o fenómeno durou apenas alguns segundos. A água regressou com barulho semelhante ao da descolagem de um 747 e o mar fez erguer os barcos de pesca ancorados como se fossem brinquedos. Seguiram-se mais duas ondas, com segundos de intervalo, cada uma maior do que a anterior. Abateram-se sobre a costa. Quando recuaram, o motel e a doca tinham desaparecido.

A cidade de Rocky Point a que Jenkins regressou era muito diferente da que deixara nessa manhã. Os barcos ancorados no porto estavam amontoados na costa numa amálgama de madeira e fibra de vidro. Barcos mais pequenos tinham sido lançados para a Main Street. As montras pareciam ter sido destruídas por um bando de vândalos e a água estava suja com destroços e algas, erguendo-se um odor sulfuroso do fundo do mar que se misturava com o cheiro a peixes mortos. O motel desaparecera. Restavam apenas escombros da doca pesqueira, apesar de o sólido cais de betão não mostrar sinais de dano. Jenkins levou o barco até uma figura no cais que

acenava com os braços. O chefe Howes apanhou os cabos e prendeu-os antes de subir a bordo.

— Alguém se magoou? — perguntou Jenkins, varrendo a cidade e o porto com o olhar.

— Jack Shrager morreu. Tanto quanto sei, foi o único. Conseguimos evacuar o resto dos ocupantes do motel.

— Obrigado por teres acreditado em mim. E desculpa-me por te ter chamado velho idiota.

O chefe encheu as bochechas de ar. — Teria sido realmente um velho idiota se me mantivesse sentado sem fazer nada.

— Conta-me o que viste — pediu Jenkins, permitindo que o cientista se sobrepusesse ao samaritano.

Howes narrou os pormenores. — Estávamos no cimo da Hill Street. Parecia uma tempestade e foi igualmente ruidoso. A seguir, o porto esvaziou-se como se um miúdo tivesse destapado o ralo de uma banheira. Consegui ver o fundo. Durou apenas alguns segundos antes de a água rugir como um motor a jacto.

— É uma comparação adequada. No mar aberto, um tsunami pode deslocar-se a mil quilómetros por hora.

— Isso é rápido! — considerou o chefe.

— Felizmente, abranda quando se aproxima de terra ou quando alcança águas menos profundas. Mas a energia da onda não diminui quando perde velocidade.

— Não foi como imaginei. Uma parede de água com quinze metros de altura. Pareceu mais uma sucessão de ondas. Conteí três, cada uma maior do que a anterior. Talvez com dez metros. Abateram-se sobre o motel, a doca e inundaram a Main Street. — Encolheu os ombros. — Sei que és professor, Roy, mas como soubeste que isto iria acontecer?

— Já assisti ao mesmo ao largo da Nova Guiné. Estávamos a fazer pesquisa quando uma deslocação do fundo submarino gerou um tsunami com altura entre dez e vinte metros e uma série de ondas ergueram o nosso barco da água tal como senti hoje. As populações foram avisadas e muitos conseguiram chegar a terreno alto quando as ondas chegaram à costa, mas, mesmo assim, perderam-se mais de duas mil vidas.

O chefe engoliu em seco. — É mais do que a população desta cidade. — Reflectiu nas palavras do professor. — Achas que foi um terramoto que provocou este sarilho? Pensei que isso só acontecesse no Pacífico.

— E, normalmente, terias razão. — Jenkins franziu o sobrolho e fitou o mar. — Isto é absolutamente incompreensível.

— E há outra coisa que será difícil de compreender. Como vou explicar porque evacuei o hotel devido a uma ameaça de bomba?

— Achas que alguém se vai preocupar com isso neste ponto?
O chefe Howes olhou a cidade e as multidões que desciam a colina com cautela em direcção ao porto e abanou a cabeça. — Não — disse. — Não me parece.

2

MAR EGEU

O PEQUENO SUBMARINO DE PESQUISA NR-1 ONDULAVA SUAVEMENTE SOBRE as ondas ao largo da costa da Turquia, praticamente invisível à excepção da torre pintada de laranja berrante. O capitão Joe Logan mantinha-se de pé no convés com as pernas afastadas, segurando-se a uma das duas abas horizontais que se projectavam da torre. Como era seu hábito antes de um mergulho, o capitão fazia uma última vistoria.

Passou o olhar sobre os quarenta metros do casco negro e esguio, cujo convés se erguia alguns centímetros acima da superfície da água. Satisfeito por conferir que tudo estava preparado, tirou o boné de basebol da marinha e acenou ao *Carolyn Chouest* pintado de creme e laranja a um quarto de milha de distância. A estrutura superior do sólido navio de apoio erguia-se ao longo de vários níveis, como andares de um edifício de apartamentos. Uma enorme grua capaz de erguer várias toneladas projectava-se lateralmente a bombordo.

O capitão subiu para a torre e enfiou-se através da abertura com setenta centímetros de diâmetro. O colete salva-vidas cabia à justa e forçou-o a espremer-se para conseguir passar. Passou os dedos sobre a junção para se certificar de que estava limpa e fechou a escotilha, descendo para a apertada área de controlo. O espaço tornava-se ainda mais exíguo com os mostradores, válvulas e instrumentos que cobriam cada centímetro das paredes e também o tecto.

O capitão era um homem de aparência discreta que poderia ser confundido com um professor de uma universidade da *Ivy League*. Sendo engenheiro nuclear por formação, Logan comandara navios de superfície antes de lhe ser atribuído o comando do NR-1. Tinha altura e compleição física médias, com cabelo louro tornando-se escasso e uma ligeira flacidez

abaixo do maxilar. Há muito que a marinha dispensara os clones duros de John Wayne que comandavam um navio com suor e lágrimas. Com armamento controlado por computadores, miras laser e mísseis inteligentes, os navios militares eram demasiado complicados e caros para serem confiados a *cowboys*. Logan tinha uma mente ágil e a capacidade para proceder a uma análise rápida dos problemas técnicos mais complexos.

Anteriormente, comandara embarcações muito maiores, mas nenhuma se aproximara sequer do NR-1 em sofisticação electrónica. Construído em 1969, era constantemente actualizado. Apesar da tecnologia de ponta, usava ainda algumas técnicas antiquadas mas de eficácia comprovada pelo tempo. Um cabo grosso com sessenta metros ia do convés do navio de apoio até uma grande bola metálica presa por tenazes de metal na proa do submarino.

Logan deu ordem para libertarem o cabo de reboque, voltando-se para um homem encorpado de barba com cerca de cinquenta anos e dizendo: — Bem-vindo ao mais pequeno submarino nuclear do mundo, Dr. Pulaski. Desculpe não podermos proporcionar-lhe mais espaço para mover os cotovelos. A cobertura do reactor nuclear ocupa a maior parte do submarino. Parece-me que preferirá a claustrofobia à radiação. Presumo que tenha feito a visita guiada.

Pulaski sorriu. — Sim, fui informado acerca dos procedimentos adequados para usar a retrete. — Falava com um sotaque ligeiro.

— É possível que tenha de esperar na fila. No seu lugar, não abusava do café. Temos uma tripulação de dez homens e as instalações podem ficar muito concorridas.

— Sei que pode manter-se submerso durante um período máximo de trinta dias — disse Pulaski. — Não consigo imaginar como será ficar a meia milha de profundidade durante tanto tempo.

— Serei o primeiro a admitir que até as tarefas mais simples, tais como tomar duche ou cozinhar uma refeição, podem constituir um desafio — disse Logan. — Felizmente para si, apenas desceremos durante algumas horas. — Olhou o relógio. — Baixaremos a trinta metros para verificar se todos os sistemas estão operacionais. Depois da confirmação, mergulhamos.

Logan enfiou-se por uma passagem apenas ligeiramente mais larga do que os seus ombros e indicou uma pequena plataforma acolchoada por trás das duas cadeiras na estação de controlo. — Normalmente, é ali que me sento durante as operações. É toda sua hoje. Eu sento-me no lugar do co-piloto. Conheces o Dr. Pulaski? — disse ao piloto. — É um arqueólogo marinho da Universidade da Carolina do Norte.

O piloto acenou afirmativamente e Logan sentou-se na cadeira do seu lado direito. À sua frente, uma impressionante disposição de instrumentos

e monitores vídeo. — Estes são os nossos olhos — disse, apontando uma fileira de monitores. — Este dá-nos a visão da proa, captada pela câmara instalada à frente do leme.

O capitão estudou o reluzente painel de controlo e, após conferenciar com o piloto, comunicou via rádio com o navio de apoio, informando que o submarino estava pronto a mergulhar. Deu ordem para submergir até aos trinta metros. As bombas motorizadas zumbiram permitindo a entrada de água nos tanques de lastro. O movimento ondulante do submarino cessou quando submergiu abaixo das ondas. A proa aguçada nos monitores desapareceu num turbilhão de bolhas de ar e voltou a aparecer, parecendo escura contra a água azul. A tripulação verificou os sistemas do submarino enquanto o capitão testava o UQC, um telefone subaquático que permitia o contacto com o navio de apoio. A voz proveniente do navio tinha um eco arrastado e metálico, mas as palavras soaram claras e distintas.

Quando o capitão se assegurou de que todos os sistemas estavam operacionais, ordenou: — Mergulhar, mergulhar!

Sentiu-se pouco movimento. As imagens nos monitores passaram de água azul a negra quando a luz solar se afastou e o capitão ordenou que as luzes exteriores fossem ligadas. A descida foi quase silenciosa, com o piloto a usar um manípulo para controlar os lemes e o capitão observando atentamente o indicador de profundidade. Quando o submarino ficou a quinze metros do fundo, Logan ordenou ao piloto que mantivesse a profundidade.

O piloto voltou-se para Pulaski. — Estamos perto do local que captámos com os sensores remotos. Vamos usar o sonar de varrimento lateral. Podemos programar um padrão de pesquisa no computador. O submarino ocupar-se-á automaticamente de manter o curso enquanto nós descontraímos. Poupa a tripulação.

— Incrível — exclamou Pulaski. — Surpreende-me que esta embarcação notável não se ocupe também da análise dos resultados, escrevendo um relatório que defenda as nossas conclusões das críticas de colegas invejosos.

— Estamos a trabalhar nisso — disse Logan com uma expressão séria.

Pulaski abanou a cabeça, simulando pesar. — É melhor procurar outro emprego. A este ritmo, os arqueólogos marinhos estarão condenados à extinção ou a olhar para monitores.

— É mais uma coisa que pode atribuir à Guerra Fria.

Pulaski olhou em redor, sem dissimular o espanto. — Nunca teria suspeitado que estaria a fazer pesquisa arqueológica a bordo de um submarino concebido para espiar a União Soviética.

— Era impossível que suspeitasse. Este navio era absolutamente secreto. O mais surpreendente é que o custo de noventa milhões de dólares tenha

sido mantido em segredo. Foi dinheiro bem empregue na minha opinião. Agora que a marinha permitiu a sua utilização para fins civis, dispomos de uma ferramenta fabulosa para pesquisa pura.

— Sei que o submarino foi usado aquando do desastre do vaivém *Challenger* — disse Pulaski.

— Recuperou peças importantes para que a NASA pudesse determinar o que se passara, contribuindo para tornar o vaivém seguro para voar — disse Logan. — Também recuperou um F-14 afundado e um míssil ar-ar *Phoenix* desaparecido e que não queríamos que caísse em mãos alheias. Algumas das coisas a respeito dos russos ainda estão classificadas.

— O que pode dizer-me acerca do braço mecânico?

— O manipulador funciona como um braço humano, com rotação em todas as articulações. O submarino possui duas rodas de borracha na quilha. Não é propriamente uma *Harley-Davidson*, mas permite-nos avançar sobre o fundo marinho. Enquanto o submarino assenta no fundo, o braço pode ser usado num raio de três metros.

— Fascinante — disse Pulaski. — E qual é a capacidade?

— Pode erguer objectos até noventa quilos.

— E quanto a ferramentas de corte?

— As tenazes podem cortar cordas ou cabos, mas também são capazes de segurar um maçarico se a tarefa for complicada. Como disse, é muito versátil.

— Sim. Isso é evidente — comentou Pulaski, parecendo agradado.

O submarino movia-se num padrão de pesquisa clássico, para trás e para diante seguindo uma série de linhas paralelas, como um cortador de relva. Os monitores mostravam o fundo movendo-se abaixo. Não havia qualquer vegetação.

— Devemos estar a aproximar-nos do local que vimos de cima — informou Logan. — Apontou um monitor. — Cá está. Parece que o sonar captou qualquer coisa. — Voltou-se para o piloto. — Reactiva o controlo manual e fá-lo descer vinte graus a bombordo.

Com acelerações delicadas dos propulsores, o NR-1 deslizou num ângulo suave. As dozes luzes exteriores iluminavam o fundo do mar com a intensidade do sol. O piloto ajustou os tanques de lastro até o submarino atingir flutuação neutra.

— Mantém-no assim — disse Logan. — Estamos quase a estabelecer contacto visual com o alvo. — Inclinou-se para a frente e fitou atentamente o monitor, com a luz azul-esverdeada iluminando-lhe as feições. Enquanto o submarino avançava, surgiam formas bolbosas no monitor, primeiro de forma isolada, depois em grupos.

— São concentrações de ânforas — disse Pulaski. Os recipientes de

cerâmica para vinho ou outras cargas líquidas eram frequentemente encontrados em navios submersos na antiguidade.

— Temos as câmaras a preparar um registo tridimensional para analisar mais tarde — disse o capitão. — Há alguma coisa que gostasse de recuperar?

— Sim, seria perfeito. Podemos levar uma ânfora? Talvez daquele amontoado.

Logan ordenou ao piloto que descesse o submarino até ao fundo, perto de uma concentração de recipientes de barro. A embarcação de quatrocentas toneladas atingiu o fundo como uma pena e rolou para a frente. O capitão chamou a equipa de recuperação.

Dois tripulantes avançaram e ergueram uma escotilha no chão por trás da área de controlo. Por baixo da escotilha, havia uma passagem curta. Um trio de vigias de acrílico com sete centímetros de espessura permitiam olhar o fundo. Um dos homens enfiou-se pela abertura e vigiou, certificando-se de que o submarino não embateria contra as ânforas. Quando os alvos estavam ao alcance, o submarino parou. O braço manipulador estava alojado na extremidade dianteira da caixa da quilha. Usando um painel de controlo portátil, o homem na passagem inferior estendeu o braço e manobrou as tenazes. O braço rodou pelo ombro.

A mão mecânica segurou gentilmente a ânfora pelo gargalo, erguendo-a e depositando-a num cesto de armazenamento por baixo da proa. O braço foi retraído e Logan ordenou à tripulação que fizesse subir o submarino. Enquanto a embarcação tirava fotografias ao local, Logan contactou o navio de apoio, descrevendo o achado e informando que estavam prestes a emergir, ordenando que o sonar fosse ligado para localizar o navio à superfície. Um *ping* espaçado ecoou no interior do submarino.

— Preparar para emergir — disse Logan ao piloto.

O Dr. Pulaski posicionava-se directamente atrás da cadeira do capitão. — Não me parece — disse.

Distraído pela tarefa desempenhada, Logan não prestou atenção. — Desculpe, doutor. O que disse?

— Disse que não vamos voltar à superfície.

Logan fez girar a cadeira com uma expressão divertida na face. — Espero que não me tenha interpretado literalmente quando me gabei da capacidade para ficar submerso durante um mês. Só trouxemos comida para alguns dias.

Pulaski enfiou uma mão por baixo do casaco e retirou uma pistola Tokarev TT-33. Falando calmamente, disse: — Fará como lhe digo ou disparo sobre o seu piloto. — Virou a arma e encostou o cano à cabeça do piloto.

Logan focou o olhar na arma e depois encarou o rosto de Pulaski. Não havia qualquer indício de piedade na dureza das suas feições.

— Quem é você? — perguntou.

— Não faz diferença quem sou. Não voltarei a repetir. Cumpra as minhas ordens.

— Muito bem — disse Logan, com a voz tornada rouca pela tensão. — O que quer que faça?

— Em primeiro lugar, corte todas as comunicações com o navio de apoio. — Pulaski observou atentamente enquanto Logan desligava todos os interruptores do rádio. — Obrigado — disse, olhando o relógio. — A seguir, informe o resto da tripulação de que o submarino foi sequestrado. Avise que, quem avançar sem autorização, será abatido.

O capitão olhou Pulaski com ódio enquanto accionava o sistema de comunicações interno. — Fala o capitão. Há um homem armado na área de controlo. O submarino está sob o seu comando. Faremos o que ordenar. Mantenham-se fora da área de controlo. Não é uma piada. Repito: Não é uma piada. Mantenham-se nos vossos postos. Quem avançar será abatido.

Ouviram-se vozes sobressaltadas vindas da proa e o capitão repetiu o aviso para se certificar de que os homens compreendiam que falava a sério.

— Muito bem — disse Pulaski. — Agora, faça subir o submarino até aos cento e cinquenta metros.

— Ouviste-o — disse Logan ao piloto, como se sentisse relutância em dar uma ordem directa.

O piloto estava imóvel na cadeira. Ao ouvir a ordem de Logan, esticou as mãos para os comandos e bombeou água dos tanques de lastro. Manobrando os lemes, ergueu o nariz do submarino e fez avançar o NR-1 em frente com jactos de propulsão curtos. Quando atingiu os cento e cinquenta metros, procedeu ao nivelamento.

— Muito bem — disse Logan. — E agora? — A fúria relampejava-lhe nos olhos.

Pulaski olhou para o relógio como um homem preocupado com um comboio atrasado. — Agora esperamos. — Afastou a arma do piloto, mas manteve-a erguida e pronta.

Passaram dez minutos. Quinze. A paciência de Logan começava a esgotar-se. — Se não se importar, pode dizer-me o que esperamos?

Pulaski levou um dedo aos lábios. — Verá — disse, com um sorriso enigmático.

Passaram vários minutos. A tensão era sufocante. Logan fitava o monitor da câmara dianteira, pensando em quem seria aquele homem e no que queria e a resposta estava prestes a chegar. Uma enorme sombra moveu-se além da proa aguçada.

Logan inclinou-se para diante e olhou o monitor. — Que raio é aquilo?

A sombra deslizou por baixo do submarino como um tubarão monstruoso preparando-se para abocanhar uma presa pelo ventre. Um horrendo estrondo metálico ecoou de uma extremidade à outra do submarino como se o NR-1 tivesse sido atingido por um martelo pneumático gigante. A embarcação estremeceu com o choque e ergueu-se vários metros.

— Fomos atingidos! — gritou o piloto, esticando-se de forma instintiva para os comandos.

— Esteja quieto! — berrou Pulaski, erguendo a arma.

A mão do piloto imobilizou-se e olhou em frente. Os ocupantes do submarino conseguiam ouvir um raspar e um arrastar como se grandes insectos metálicos trepassem pelo casco.

Pulaski parecia radiante. — O nosso comité de boas-vindas chegou para nos saudar.

O barulho continuou durante vários minutos até parar, sendo substituído pela vibração de motores potentes. O velocímetro no painel de controlo começou a mover-se, apesar de os propulsores não terem sido activados.

— Estamos a mover-nos — disse o piloto com os olhos colados ao velocímetro. — O que devo fazer?

Voltou-se para o capitão. Avançavam a dez e depois a vinte nós. A velocidade não parava de acelerar.

— Nada — respondeu Pulaski. Voltando-se para Logan, disse: — Capitão, queira transmitir uma mensagem à sua tripulação.

— O que quer que diga?

Pulaski sorriu. — Acho que é perfeitamente óbvio — disse. — Digalhes que se descontraíam e gozem a viagem.

3

MAR NEGRO

O BOTE INSUFLÁVEL *ZODIAC* DE CINCO METROS ACELEROU EM DIRECÇÃO À costa distante, com o seu fundo plano batendo contra as ondas como uma mão fazendo soar um tambor. Encolhida na proa, segurando firmemente a corda de segurança para não ser lançada borda fora, Kaela Dorn assemelhava-se a uma figura de proa cuidadosamente esculpida. A água lançada sobre a proa arredondada atingia-lhe a face morena, que pingava, mas voltou-se uma única vez para gritar ao homem ajoelhado no barco com a mão no leme.

— Mehmet, acelera esta coisa. Acelera! — Fez movimentos circulares com a mão como se girasse um laço.

O turco experiente respondeu com um sorriso desdentado que era mais largo do que a sua cara. Rodou o controlo de velocidade e o *Zodiac* voou sobre a onda seguinte e caiu sobre o mar com força ainda maior. Kaela segurou-se melhor à corda e riu com deleite.

Os dois homens rebolando no interior como dados num copo de *croupier* pareciam menos entusiasmados. Faziam os possíveis para não serem lançados ao mar, cerrando os dentes com cada safanão. Nenhum dos passageiros se surpreendeu por ouvir Kaela pedir a Mehmet para acelerar. Após três meses de trabalho com a jovem repórter na série televisiva *Mistérios Inacreditáveis*, tinham-se acostumado à sua impetuosidade.

Mickey Lombardo, o elemento mais experiente da equipa, era um nova-iorquino baixo e encorpado, com braços tornados poderosos pelo levantamento de equipamento de som e luz de e para todos os meios de transporte concebíveis à volta do planeta. Uma onda apagara o charuto que prendia entre os dentes, segundos após o início da atribulada viagem. O seu assistente, Hank Simpson, era um rapaz de praia australiano e louro que Lombardo alcunhara como “Dundee”.

Quando souberam que trabalhariam com a bela repórter, nenhum dos homens pôde acreditar na sua boa sorte. Mas isso fora antes de Kaela os levar através de uma gruta repleta de morcegos e respectivo excremento no Arizona, pelos rápidos abaixo no Inferno Verde da Amazónia, sem esquecer a interrupção de uma cerimónia vudu no Haiti. Lombardo dizia que Kaela era a prova viva do velho axioma: Tem cuidado com o que desejas pois é possível que o consigas. Revelara ser um cruzamento entre Amelia Earhart e a Mulher-Maravilha e as libidos dos dois homens diminuíram enquanto crescia o respeito sentido pela audácia da repórter. Em vez de olharem Kaela como uma conquista potencial, passaram a protegê-la como uma irmã mais nova precoce que precisava de ser resguardada contra a sua própria impetuosidade.

Lombardo e Dundee dificilmente poderiam ser classificados como flores de estufa. As equipas que trabalhavam em *Mistérios Inacreditáveis* tinham de possuir boa preparação física, agressividade na obtenção das histórias e, de preferência, pouca actividade cerebral. A série da televisão por cabo tinha uma taxa elevada de substituição de pessoal e de ferimentos. Com a ênfase conferida a aventuras de alto risco, era um desafio duro para as equipas de produção. Aliás, eram os infortúnios da equipa e não os seus objectivos principais que muitas vezes se tornavam o tema de cada episódio. Tratava-se de uma continuação lógica das aventuras da “vida real” inspiradas pelo sucesso de *Survivor* e dos seus clones. Se um repórter ou um técnico fossem levados pelo mar ou perseguidos por canibais, a história tornava-se ainda melhor. Desde que a equipa não perdesse equipamento caro, a gerência não se importava com o nível de perigo nas condições de trabalho.

Tinham chegado a Istambul alguns dias antes para iniciar uma busca pela arca de Noé. Tratava-se de um cliché esgotado que até os tablóides de supermercado tinham remetido para as últimas páginas, juntamente com os avistamentos de Elvis e o monstro do Lago Ness, levando Kaela a manter um olhar atento para outras histórias no caso de a investigação sobre a arca não resultar. No seu primeiro dia, enquanto procurava um barco de pesca que os levasse ao Mar Negro, metera conversa com um velho e pitoresco marinheiro russo que conhecera no cais. Prestara serviço num submarino soviético e falara-lhe de uma base de submarinos abandonada, chegando mesmo a desenhar-lhe um mapa, indicando a sua localização num canto remoto do Mar Negro, após insinuar que um donativo monetário ajudaria a avivar-lhe a memória.

Quando Kaela regressou para junto dos colegas e contou com emoção a história da base soviética abandonada, apressaram-se a planear uma deslocação secundária. A base poderia ser um bom plano de contingência

se a busca pela arca de Noé não desse resultado, como seria provável que acontecesse. O barco de pesca fora contratado para os levar a um ponto de encontro com um navio de pesquisa da Agência Nacional Subaquática e Marítima¹.

O capitão Kemal, proprietário do barco, era pago ao dia e disse que conhecia a base de submarinos e teria todo o prazer em levá-los lá antes de se encontrarem com o navio da NUMA. No entanto, o barco de pesca tivera problemas com o motor enquanto se aproximavam da base e o capitão quis regressar ao porto, pois tivera um problema semelhante antes e levaria apenas algumas horas a solucionar logo que obtivesse a peça necessária, mas Kaela conseguira persuadi-lo a deixá-la e à sua equipa, vindo buscá-los no dia seguinte. Mehmet, o primo do capitão, oferecera-se para os levar até à costa no seu *Zodiac*.

O *Zodiac* aproximava-se de uma praia ampla que se erguia gradualmente até uma parede de dunas de areia. As ondas aumentavam de tamanho e tornavam-se mais compactas, levando Mehmet a reduzir a velocidade para metade. O velho marinheiro russo dissera que a base era subterrânea, perto de uma unidade de investigação científica abandonada e que teriam de procurar as condutas de ar à superfície. Kaela limpou a água dos óculos de sol e olhou as colinas verdejantes, não conseguindo ver qualquer sinal de presença humana. A paisagem era nua e desolada, fazendo-a questionar se teriam aceitado um desafio muito superior às suas capacidades. Os contadores de tostões que pagavam os *M.I.* não gostavam de despesas não produtivas.

— Vês alguma coisa? — gritou Lombardo sobre o ruído do motor.

— Não vejo cartazes publicitários, se é a isso que te referes.

— Talvez não seja o sítio certo.

— O capitão Kemal disse que sim e tenho o mapa do russo.

— Quanto pagaste a esse vigarista pelo mapa?

— Cem dólares.

Lombardo esboçou um esgar de desagrado. — Quantas vezes terá vendido o mesmo mapa?

Kaela apontou para terra. — Aquela elevação parece promissora.

Tump!

Kaela inclinou-se para trás ao ouvir o ruído inesperado. A seguir, viu o buraco que se abriu na borracha um metro à direita da sua cabeça. Pensara que um dos muitos remendos na pele insuflável se tinha soltado devido à sova que o *Zodiac* levava, voltando-se para avisar Mehmet, mas o turco erguera-se da sua posição de joelhos com uma expressão estranha na cara

1 *National Underwater and Marine Agency* no original. (N. do T.)

e mantendo a mão sobre o peito. A seguir, deixou-se cair como um balão perdendo o ar e tombou borda fora. Sem uma mão sobre o leme, o barco voltou-se e foi apanhado por uma onda. A crista de água ergueu-o num ângulo agudo, sendo apanhado por outra onda e virado, lançando os passageiros ao mar.

O céu rodopiou sobre a cabeça de Kaela antes de o corpo sentir o choque da água fria. Afundou-se um par de metros e, quando voltou à superfície, cuspiu água, as luzes tinham sido apagadas. Estava por baixo do barco virado. Baixou a cabeça e conseguiu emergir. A cabeça calva de Lombardo veio à superfície, seguida por Dundee.

— Estão bem? — gritou, nadando para junto deles.

Lombardo cuspiu o que restava do charuto. — Que raio aconteceu?

— Acho que Mehmet levou um tiro.

— Um tiro? Tens a certeza?

— Levou a mão ao peito e caiu para o lado. — Seguida por Lombardo, nadou até à parte frontal do barco. — Foi aqui que acertou a primeira bala, antes de a segunda atingir Mehmet.

— Bolas! — disse Lombardo, enfiando o dedo no buraco. — Pobre coitado.

Dundee aproximou-se dos outros dois com braçadas largas e flutuaram juntos, segurando-se ao barco. Concordaram em manter-se ali, onde Kemal poderia encontrá-los, em vez de arriscar ir a terra. O *Zodiac* estava num nível baixo na água, mas alguns dos compartimentos ainda continham ar. Tentaram virar o barco por várias vezes, mas o peso do motor e a superfície escorregadia dos lados arredondados tornaram a tarefa impossível. Cansavam-se depressa e as ondas empurravam-nos para cada vez mais perto da praia.

— Bom — disse Lombardo, após um esforço fracassado que os deixou a todos sem fôlego, — parece que sempre vamos a terra.

— E se os tipos que dispararam contra nós ainda lá estiverem? — perguntou Dundee.

— Tens uma ideia melhor?

— Pareceu-me que os tiros foram disparados a direito — disse Kaela. — Vamos enfiar-nos por baixo do barco e movê-lo para o lado.

— Não temos grande escolha — disse Lombardo, mergulhando.

Quando os outros dois se juntaram a ele, sorria. — Olhem para isto — disse, segurando os sacos impermeáveis suspensos dos bancos onde tinham sido amarrados. — As câmaras estão bem.

Kaela riu-se alto, provocando um eco no espaço limitado. — Que suportes que façamos se alguém nos apontar uma arma, Mickey? Que lhe tiremos o retrato?

— Tens de admitir que seria uma óptima história. Que te parece, Dundee?

— Acho que são os dois doidos, ianques dum raio! Mas eu não sou melhor. Ou não estaria aqui convosco. Diz-me, boneca — disse para Kaela, — o teu amigo russo não disse que o sítio estava abandonado?

— Disse que os russos o tinham abandonado há muito.

— Talvez seja como uma daquelas ilhas no Pacífico em que soldados japoneses se esconderam na selva sem saber que a guerra tinha chegado ao fim — sugeriu Lombardo. — Talvez estes tipos não saibam que a Guerra Fria acabou. — A possibilidade deixava-o claramente entusiasmado.

— Parece-me muito rebuscado — considerou Kaela.

— Sim, concordo, mas tens alguma ideia melhor acerca de quem terá disparado contra nós?

— Não — respondeu Kaela. — Mas, se não começarmos a dar aos pés, vamos descobrir a verdade muito em breve. Vou ver como estão as coisas. — Desapareceu por alguns momentos. Quando voltou, disse: — A praia parece deserta. Sugiro que comecemos a mover esta coisa para a direita. Ou seremos arrastados para lá dentro de muito pouco tempo.

Seguraram o barco e começaram a agitar os pés. O *Zodiac* moveu-se, mas as ondas empurraram-nos para terra. O rugido da rebentação tornou-se mais elevado. Não houve novos tiros e ficaram com esperança de que os atiradores se tivessem ido embora. O seu optimismo não teria durado muito se conseguissem ver para além da erva no alto das dunas. Uma linha de sabres afiados erguia-se ao sol como as lâminas de uma gigantesca ceifeira mecânica, pronta para os despedaçar, assim que rastejassem para a praia.

4

MUITO ACIMA DO *ZODIAC* VIRADO, UM AVIÃO TURQUESA QUE SE ASSEMBLAVA a uma canoa voadora descrevia círculos lentos. O homem de ombros largos aos comandos fez o avião ultraleve voltar-se numa curva apertada e olhou para baixo através dos óculos de lentes escurecidas, estreitando os olhos ao brilho reflectido com olhos da cor de corais submersos. A sua face queimada pelo vento estava vincada por uma expressão curiosa. Momentos antes, vira nadadores na água junto ao barco insuflável virado. Olhou para longe, para se localizar e, quando voltara a olhar, os nadadores tinham desaparecido.

Kurt Austin perseguira o *Zodiac* como um polícia motorizado aéreo atrás de um condutor em excesso de velocidade e vira-o voltar-se. Não conseguia perceber porque tinha ficado desgovernado. O mar estava calmo e não eram visíveis rochedos ou outros objectos submersos. Questionou-se se o barco insuflável ou o pescueiro que vira a dirigir-se para a costa teriam alguma coisa a ver com a equipa televisiva que procurava. Era provável que não. A equipa ia a caminho de um encontro com o *Argo*, um navio de pesquisa da NUMA, e não se devia ter dirigido para este ermo isolado.

Austin estava a bordo do *Argo* como consultor oceânico por empréstimo, libertado temporariamente dos seus deveres como líder da Equipa de Missões Especiais da NUMA. Os outros membros da equipa, Joe Zavala e Paul e Gamay Trout, tinham recebido missões diferentes e pouco exigentes em projectos diversos espalhados pelo globo. James Sandecker, o director da NUMA, insistira que tivessem férias depois de a equipa se ter debatido contra os assassinos contratados por uma grande empresa disposta a apossar-se das reservas de água potável do mundo. Preocupara-o particu-

larmente a ligação de Austin a uma bela e brilhante cientista brasileira que se sacrificara para malograr a conspiração.

O *Argo* encontrava-se no Mar Negro a recolher informações sobre a acção das ondas e dos ventos para um banco de dados internacional. Com o seu mestrado em gestão de sistemas da Universidade de Washington e os seus vastos conhecimentos práticos como marinheiro e investigador subaquático, Austin prestara um auxílio valioso na preparação dos sofisticados instrumentos de monitorização remota.

No entanto, enquanto a viagem prosseguia e depois de os sistemas estarem operacionais, os seus conhecimentos tornaram-se menos necessários. Leu os livros de filosofia que trouxera da sua extensa biblioteca, mas começou a aborrecer-se e a mostrar-se inquieto. O navio assemelhava-se a uma prisão rodeada por um fosso muito amplo. Austin percebia que tinha mazelas psicológicas a curar e que Sandecker se preocupava com o seu bem-estar. Mas precisava de actividade mental e física intensa e não de um ambiente de cruzeiro.

Os cientistas sisudos a bordo queixaram-se acerca da visita de uma equipa televisiva. Viam-nos como intrusos que interromperiam o seu trabalho com questões imbecis. O facto de fazerem um programa tablóide e de a sua missão ser encontrar a arca de Noé não contribuía para melhorar a sua imagem. Austin via as coisas de maneira oposta. Aguardava a chegada como uma diversão do seu tédio a bordo.

Deveriam ter chegado naquela manhã, mas isso não aconteceu e os esforços para os contactar por rádio não tinham produzido quaisquer resultados. Depois do almoço, Austin subira à casa do leme para sugerir algo ao capitão. O comandante do *Argo*, o capitão Joe Atwood, estava claramente irritado pelo facto de a equipa não ter chegado e não ter contactado o navio. Andava de um lado para o outro na ponte de comando, observando o mar com os binóculos. O *Argo* devia avançar para outra localização e o atraso não agradava ao capitão.

— Sabe alguma coisa dos nossos visitantes? — perguntou Austin, apesar de perceber qual seria a resposta pela expressão severa de Atwood.

Atwood olhou para o relógio com um esgar de desagrado. — Parece-me que estarão perdidos — declarou com rispidez. — Da próxima vez que os idiotas das relações públicas me pedirem para entreter malucos da televisão, peço-lhes para enfiarem o pedido onde o sol nunca brilha.

A disposição do capitão não era propícia a ser informado de que o trabalho feito pelo departamento de relações públicas da NUMA na publicitação dos sucessos da agência ajudara a abrir os cordões da bolsa do Congresso e a conseguir subsídios para projectos como a pesquisa no Mar Negro.

— Tenho uma sugestão — disse Austin. — Não estou ocupado. Que tal se voar pelas redondezas para ver se os detecto?

O esgar do capitão dissolveu-se num sorriso perspicaz. — Não me engana, Austin. Quis pôr o *Albatroz* no ar desde o primeiro dia que veio a bordo.

— Serviria um propósito duplo. Podia testar o pássaro e procurar os nossos visitantes transviados ao mesmo tempo. — E seria o antídoto perfeito para o crescente tédio claustrofóbico que o afectava.

Atwood passou os dedos pelo cabelo ruivo pálido. — Está bem. Faça-o. Mas informe-nos da sua posição com intervalo de minutos. Já tenho problemas que cheguem com os tipos da televisão desaparecidos. Não quero ter de o perseguir também a si por todo o Mar Negro.

Austin agradeceu ao capitão e, com um entusiasmo que se notava nos seus passos, desceu para preparar o *Albatroz*. O avião marinho ultraleve fora desenvolvido como forma de alargar o alcance visual do navio. O radar que equipava a maioria dos navios da NUMA conseguia detectar um mosquito a dez milhas, mas, por vezes, nada conseguia substituir o olhar humano. Joe Zavala, cuja capacidade mental para assuntos mecânicos rondava o brilhantismo, concebera a aeronave. Pedira a Austin para levar o avião para bordo do *Argo* e para o testar em condições ambientais reais, mas o navio não parara durante a maior parte da missão e Austin sentira-se relutante em pedir tempo ao capitão para efectuar um voo de teste.

O avião monolugar fora baptizado com o nome do albatroz, uma ave conhecida pelo seu voo gracioso e pela descolagem e aterragem atabalhoadas. Austin inspeccionou-o no seu hangar no convés. A aparência atarracada e pouco apelativa não o incomodou. Já voara ultraleves antes e sabia que o importante eram a estabilidade e a facilidade de controlo.

Tinha as letras NUMA pintadas a preto de lado. O casco de fundo chato em fibra de vidro tinha um nariz aguçado e apontado para cima e flutuadores de fibra de vidro presos a suportes de alumínio de ambos os lados. Aos flutuadores estava ligado o trem de aterragem retráctil que permitia ao *Albatroz* pousar em terra ou na água.

O avião foi içado para o convés e as suas estreitas asas de dez metros revestidas a politereftalato foram desdobradas e instaladas no local devido. Austin introduziu-se no *cockpit* apertado e alguns elementos da tripulação do *Argo* empurraram o *Albatroz* pela rampa larga e inclinada na popa do navio até ao mar. Austin activou o motor, libertou o cabo de segurança e avançou pelo mar para se habituar aos comandos. O avião comportava-se bem na água e decidiu ver como se sairia no ar. Alinhou-o com uma pista de descolagem imaginária e aumentou a velocidade.

Impelido pelo motor compacto de quarenta cavalos, o *Albatroz* avan-

çou rapidamente sem derrapar. Cortou as ondas durante cerca de trinta metros e ergueu-se no ar, subindo até ficar acima do navio de pesquisa. Austin contornou o *Argo* uma vez, inclinando as asas em saudação, antes de iniciar um voo recto em direcção ao Estreito do Bósforo, que ligava o Mar Negro ao Mediterrâneo. Pensou que a equipa televisiva, instalada em Istambul, deveria vir dessa direcção.

O motor de dois cilindros *Rotax* que operava a hélice montada na retaguarda conseguia impelir a aeronave de nariz achatado a uma velocidade máxima de cento e quatro quilómetros por hora. Não era propriamente uma velocidade supersónica, mas a maneabilidade do avião era perfeita, virando, subindo e mergulhando sem hesitações. Austin sentiu-se tão livre como as aves marinhas que vira circulando sobre o *Argo* à espera de restos da cozinha. Voava a uma altitude que rondaria os trezentos metros, permitindo-lhe ver ao longo de quilómetros nas várias direcções, avançando a oitenta e oito quilómetros por hora. O tanque de vinte litros conferia ao avião um alcance de aproximadamente duzentos e quarenta quilómetros.

O ar estava límpido como cristal fino e o sol brilhante lançava um brilho prateado reflectido pela superfície da água. Iniciou um padrão de busca simples, traçando uma série de linhas paralelas que cobririam grande distância em pouco tempo. A equipa televisiva enviara uma curta mensagem de rádio antes de deixarem Istambul, solicitando a posição do *Argo* e dando uma estimativa da hora de chegada. Disseram que viajariam num barco de pesca. Austin viu várias traineiras, mas nenhuma parecia dirigir-se no rumo certo.

O padrão de voo para trás e para diante não tardou a gastar o combustível. Restava-lhe um terço do tanque, o suficiente para regressar ao navio com uma curta margem de erro. Verificou a bússola e estava prestes a regressar quando avistou o rasto de um barco que se aproximava da costa russa a grande velocidade. A curiosidade venceu-o e decidiu fazer um desvio até ao local. Fez baixar o *Albatroz* até menos de cento e cinquenta metros de altitude e quase alcançara o barco quando, subitamente, uma onda o fez virar-se.

Enquanto Austin descrevia círculos, pensando no que fazer a seguir, notou que o insuflável virado se comportava de forma invulgar. Apesar de ser impelido pelas ondas, movia-se para a costa em ângulo.

Pegou no microfone do rádio e pressionou o botão que o activava.

— *Albatroz* para *Argo*. Respondam, por favor.

— Daqui *Argo*. — Austin reconheceu a voz do capitão. — Como se comporta o pequeno pássaro? — perguntou Atwood.

— Como um pterodáctilo treinado. Quase voa sozinho. Eu limito-me a acompanhar o passeio.

— É bom sabê-lo. Há sinal dos inacreditáveis idiotas televisivos dos *Mistérios Inacreditáveis*?

Mantendo o olhar sobre o barco, Austin respondeu: — O único mistério aqui é um *Zodiac* virado. Vi pessoas agarradas a ele, mas desapareceram.

— Qual é a sua posição?

— Estou junto à costa. — Austin notou uma língua escarpada de terra que entrava pelo mar dentro. — Vejo uns penhascos de tamanho médio com uma praia de dunas entre eles. O seu perfil assemelha-se ao perfil do almirante Sandecker. Com barba e tudo.

— Perguntarei ao piloto. Já navegou por estas águas centenas de vezes. — Após uma pausa, a voz regressou. — É a Ponta do Imã. Supostamente a cara de um homem santo.

— O barco foi levado até à linha de rebentação. As águas estão demasiado agitadas para pousar no mar.

— O que quer que façamos?

— Vou descer para ver melhor. Precisaréi de ajuda se encontrar alguém. O *Albatroz* não foi concebido para transportar passageiros.

— Vamos a caminho. Tempo previsto de chegada dentro de uma hora.

— Entendido. Vou aterrar e procurar um bar que sirva um martini com *Stolichnaya* decente.

Austin desligou o microfone e voltou a olhar o barco. Sorriu. Não fora uma partida da sua imaginação. Três nadadores haviam-se afastado do *Zodiac* e nadavam para a praia.

O ultraleve comportava-se melhor na aterragem contra o vento, que soprava do mar. Austin baixou até aos trinta metros e dirigiu-se directamente para a costa, tendo como alvo uma duna longa sobre a praia. Pretendia inverter o rumo sobre a duna e fazer a aeronave pousar suavemente sobre a areia.

O *Albatroz* voou sobre as figuras que se debatiam entre a rebentação. Os nadadores avançavam a bom ritmo, servindo-se do impulso das ondas para poupar forças. Austin notou a presença de edifícios baixos a alguma distância da praia, mas um reflexo brilhante do chão desviou-lhe o olhar. O *Albatroz* conseguia mudar de direcção com facilidade. Aproveitando a sua maneabilidade, Austin puxou a manche. O avião pareceu deslizar em pleno ar e conseguiu uma visão clara do vale pouco fundo do outro lado da duna.

Escondidos do outro lado, via uma dúzia de homens montados dispostos em fila única com espadas erguidas no ar. O brilho rubro-prateado que Austin vira fora o reflexo do sol nas lâminas das espadas. A aparição

súbita e ruidosa do *Albatroz* sobressaltou os cavalos que se agitaram, assustados, enquanto os cavaleiros se esforçavam para os controlar. Austin captou apenas um vislumbre da cena enquanto passava directamente por cima. A seguir, voltou a sobrevoar a praia. Os nadadores estavam a momentos de chegar à costa.

Subitamente, fragmentos de politereftalato voaram à frente dos seus olhos. Os cavaleiros estavam armados com mais do que espadas. A asa sobre a cabeça de Austin parecia ter sido atingida pelas garras de um tigre no revestimento de tecido. Alguém na praia disparava contra ele. O *cockpit* fino de fibra de vidro não oferecia qualquer protecção contra as balas. Pior ainda, Austin estava praticamente sentado sobre o tanque de combustível do *Albatroz*. Os tiros eram demasiado altos, mas um disparo mais feliz que atingisse a hélice, fá-lo-ia cair como um pato ferido. Empurrou a manche e o avião mergulhou. Mesmo com os auscultadores postos, ouviu o som agudo de uma bala atingindo um dos suportes de alumínio que ligava as asas ao *cockpit*. Sentiu uma pontada intensa na têmpora direita. Uma lasca de metal esvoaçante atingira-o e o sangue escorria-lhe pela face. Usava um lenço ao pescoço e colocou-o à volta da testa para conter o sangue.

A mesma rajada que atingira o suporte despedaçara um dos flutuadores de fibra de vidro da asa. Austin empurrou a manche tanto quanto podia e o ultraleve mergulhou como um elevador desgovernado, inclinando-se perigosamente, desequilibrado pela perda de um flutuador. Teve de compensar, inclinando-se para um dos lados. Voou em direcção ao mar até estar fora de alcance e, a seguir, fez o avião descrever uma curva que lhe permitiu mover-se em linha paralela à costa.

Os nadadores tinham-se atirado de barriga para a areia quando os disparos se iniciaram. Agora, estavam novamente de pé e corriam junto à linha de água. Conseguiu ver uma mulher magra de pele morena e dois homens, um baixo e um alto. Enquanto corriam, olhavam sobre os ombros, tentando observar o *Albatroz* e acabando por ver os cavaleiros no alto da duna com as espadas erguidas. Impelido por esta nova ameaça, o trio esforçou-se por apressar o passo, mas era impossível correr mais depressa na areia macia. Os cavaleiros não teriam problema para acabar com os corredores indefesos encurralados entre si e o mar profundo e azul. A praia descoberta não oferecia qualquer abrigo. Era um campo de morte perfeito.

Fizeram avançar as montadas e galoparam ao longo da duna para alcançar a presa pelo flanco. Austin esticou a mão para uma caixa de emergência por baixo do banco e tirou do interior um kit de sinalização *Orion* de 25 milímetros para embarcações de alto mar. A seguir, aumentou a velocidade até ao máximo. Estremecendo perigosamente devido aos danos, o *Albatroz* lançou-se sobre a praia a cem quilómetros por hora.

Os corredores lançaram-se ao chão quando o ultraleve voou por cima como um enorme e enfurecido moscardo. Austin agia movido apenas pelo instinto puro, mais como máquina do que como homem. Segurando a manche entre os joelhos, inclinou-se para fora da folha curva de acrílico que servia de pára-brisas e mirou o centro da linha montada. Pressionou o gatilho e um foguete lançou-se sobre os cavaleiros como um cometa em miniatura.

O ângulo desfavorável do avião perturbou-lhe a pontaria. O foguete atingiu a duna alguns metros abaixo da erva no alto e explodiu num clarão escarlate. Os cavalos mais próximos da explosão recuaram em pânico. Os animais que conseguiram manter a calma perderam-na quando o avião lhes rasou as cabeças como um insecto gigante.

Austin descreveu uma curva rápida para um segundo tiro. O cenário caótico no cimo da duna recordava-lhe *Guernica*, o famoso mural de Picasso. Era difícil perceber onde os cavalos terminavam e onde começavam os cavaleiros. Esboçou um sorriso sinistro e carregou outro foguete na arma. Voltou a avançar, atacando desta vez pela retaguarda.

Surgiu no pára-brisas um buraco irregular rodeado por uma teia de fracturas. Um dos cavaleiros conseguira um tiro afortunado. Austin sentiu a bala passar-lhe perto do ouvido. Fez um esforço sobre-humano para manter a concentração enquanto apontava a arma e pressionava o gatilho.

O segundo foguete voou para a massa confusa de corpos humanos e equinos e cravou-se num dos cavaleiros com uma explosão de fósforo vermelho. Este caiu do cavalo e foi arrastado para longe com um pé ainda preso ao estribo.

A praia passou num turbilhão e Austin sobrevoava novamente o mar. Curvou em ângulo até voltar a estar atrás da duna. A erva ardia e erguia-se fumo negro para o céu. Os cavaleiros que tinham sido projectados das montadas tentavam rastejar para longe, evitando serem esmagados. Outros haviam desmontado e seguravam as rédeas com firmeza enquanto tentavam acalmar os animais aterrorizados, que embatiam uns contra os outros, servindo esse contacto para aumentar o terror.

Um cavaleiro solitário afastou-se dos restantes e fez galopar o cavalo. Kaela e os amigos ouviram o trovejar dos cascos e voltaram-se para ver o cavaleiro carregando sobre eles com a espada bem erguida. Austin fez virar o avião até ficar de frente para o cavaleiro. Ergueu a pistola de sinalização, mas não conseguiu mantê-la firme para alvejar adequadamente. Em vez disso, iniciou um mergulho baixo com o *Albatroz* que o fez passar apenas alguns metros acima das cabeças dos corredores, apontando directamente ao cavaleiro, um homem encorpado com uma barba ruiva agitada pelo vento. No último segundo, Austin puxou a manche. O flutuador falhou a

cabeça do homem por centímetros. O cavalo guinchou de terror e iniciou uma corrida frenética. O cavaleiro esforçou-se por se segurar enquanto o cavalo se deixava levar pelos cascos, trepando a duna e correndo atrás dos outros cavaleiros que haviam perdido o ímpeto atacante e galopavam para a floresta.

Entretanto, Austin travava uma batalha que não poderia ganhar contra o nivelador danificado do avião. Sentou-se meio fora do *cockpit* como alguém pendurado de um veleiro inclinado, cerrou os dentes e preparou-se para a aterragem dura e inevitável.

5

KAELA DORN SUSTEVE A RESPIRAÇÃO ENQUANTO O PEQUENO E ESTRANHO avião mergulhava numa espiral descendente. No último segundo, subiu num movimento brusco e que desafiava a força da gravidade. Ergueu-se e baixou como um papagaio de papel, nivelando-se apesar de as asas estremeecerem e de o avião ser sacudido como se estivesse numa montanha-russa invisível.

O piloto acabou por conseguir controlá-lo parcialmente e iniciou uma manobra de aterragem. Manteve-o seguro, mas, antes que conseguisse tocar o solo, a asa esquerda inclinou-se num repente e cravou-se na areia macia. Partiu-se no ponto em que se unia à fuselagem e o avião caiu inclinado sobre a praia, ficando com a cauda erguida no ar. O motor silenciou-se e, de repente, a praia estava silenciosa, com a exceção do rebentar das ondas e do crepitar da erva que ardia.

A repórter e os colegas olhavam fixamente como mortos-vivos para os destroços do avião. Estavam demasiado exaustos para se moverem, esgotados pelo esforço para chegar à costa, ofegando ainda depois de terem fugido para proteger a vida. Kaela era quem estava em melhor forma dos três e, mesmo assim, sentia que as pernas se haviam transformado em geleia. Quando o avião atarracado aparecera pela primeira vez, não soubera se era amigo ou inimigo, mas não havia dúvidas quanto às intenções dos cavaleiros com os seus gritos selváticos e espadas desembainhadas. Procuravam sangue.

O avião assemelhava-se a uma ave que tivesse voado contra uma hélice e parecia impossível que o piloto tivesse conseguido escapar ileso, mas alguém se movia no interior do *cockpit*. Fez passar uma perna e depois a outra para fora e saiu. Parecia estar bem enquanto contornava o avião, com

as mãos nas ancas, inspecionando os estragos. Pontapeou uma roda como se examinasse um carro usado e abanou a cabeça. A seguir, voltou-se para a equipa televisiva, acenou-lhes de forma amigável e começou a andar na sua direcção, coxeando ligeiramente.

Lombardo e Dundee avançaram e posicionaram-se nos flancos de Kaela como seus protectores. Mas ela estava mais interessada em avaliar o estranho. Era alto, acima do metro e oitenta, com os ombros largos e poderosos de um porteiro de discoteca que lhe preenchiam a camisola azul-escura. Vestia calções cremes e as pernas musculadas pareciam capazes de impelir o corpo sólido através de uma parede de tijolos. Enquanto se aproximava, tirou o boné de basebol, revelando o cabelo de um cinzento metálico, quase prateado. A face bronzeada não tinha marcas, à excepção das rugas de expressão que rodeavam os olhos e ladeavam a boca. Calculou que rondasse os quarenta anos.

Sangrava de um dos lados da cara e o sangue ensopava o lenço em redor da testa. A aterragem devia ter sido assustadora mas, mesmo assim, parecia regressar de uma partida de ténis.

— Boa tarde — disse com um amplo sorriso. — Estão todos bem?

— Sim, estamos óptimos, obrigado — respondeu Kaela com cautela. — E você? Está a sangrar.

Levou os dedos à ferida de forma ausente. — É só um arranhão. Estou mais ou menos inteiro. — Indicou com o polegar o ultraleve destruído. — Gostava de poder dizer o mesmo a respeito do meu transporte. Já não os fazem como antigamente. Por acaso não têm um rolo de adesivo?

Kaela arriscou um sorriso. — O seu avião passou a fase do adesivo — disse. — Acho que o pessoal dos seguros usaria a expressão “destruído sem hipóteses de reparação”.

O estranho sorriu. — Receio que tenha razão, senhora...

— Dorn. Kaela Dorn. Este é o meu produtor, Mickey Lombardo e o seu assistente, Hank Simpson. Trabalhamos para a série televisiva *Mistérios Inacreditáveis*.

— Bem me pareceu. Chamo-me Kurt Austin. Faça parte da NUMA.

— NUMA. — Lombardo avançou e apertou a mão de Austin. — Estamos felizes por vê-lo. Foi uma sorte ter passado por aqui.

— Foi mais do que sorte — corrigiu Austin. — Andava à vossa procura. Deviam ter chegado ao *Argo* hoje de manhã.

— Pedimos desculpa por isso — disse Lombardo. — Fizemos um desvio para ver uma velha base de submarinos russa que se supõe existir por aqui.

— O capitão do *Argo* não está nada satisfeito. Fizeram-no atrasar a hora de partida. Podiam ter-nos evitado alguns problemas se nos tivessem

alertado para a mudança de planos. — Austin sorria, mas o tom de suave censura na sua voz era inconfundível.

— A culpa é minha — disse Kaela. — Pensámos que demoraríamos apenas um par de horas. Queríamos contactá-lo, mas o barco de pesca que alugámos não tinha o rádio operacional. O capitão teve de regressar ao porto para reparar o motor e pretendia arranjar o rádio e contactar-vos.

— Deve ter sido o barco de pesca que vi a afastar-se daqui.

Kaela acenou afirmativamente com a cabeça. — Viria buscar-nos de manhã. Obrigada por nos salvar a vida. Peço desculpa por tudo.

— Sem problemas — respondeu, não querendo atormentar ainda mais o martirizado grupo. Olhou para os destroços do avião. — Talvez um problema ou outro. O que fez virar o vosso barco?

— Alguém na praia disparou contra nós e matou o turco que nos trazia — explicou Kaela. — Uma onda apanhou-nos de lado e fez virar o barco. Escondemo-nos debaixo do *Zodiac* e tentámos afastá-lo da praia, mas a ondulação era demasiado forte e viemos quase a direito. — Olhou na direcção da duna onde viram os atacantes pela primeira vez. — Sabe quem eram aqueles homens a cavalo?

Austin não respondeu. Apesar de parecer estudar-lhe a cara, Kaela apercebeu-se de que a camisola e os calções molhados se colavam ao seu corpo esguio. Puxou para a frente a parte frontal da camisola coberta de areia, mas o tecido insistia em colar-se à pele. Austin percebeu o seu desconforto e desviou o olhar para o fumo que se erguia da duna.

— Calculo que não fossem o clube hípico local no seu passeio de lazer — disse. — Vamos dar uma vista de olhos.

Subiu a praia inclinada seguido atentamente pelos outros. O fogo quase se extinguiu. Atravessaram a erva queimada no topo da duna. Austin viu que o sol se reflectia de algo no chão e baixou-se para investigar. Era um sabre. Pegou na arma e sentiu-lhe o peso e o equilíbrio. A lâmina longa e curva da espada estava perfeitamente desenhada para proporcionar ao braço um alcance destrutivo máximo. Os músculos do maxilar de Austin contraíram-se enquanto avaliava os terríveis estragos que o fio aguçado conseguiria produzir na carne humana. Examinava a escrita em cirílico gravada na lâmina quando o australiano o chamou. Dundee estava numa mancha de erva sobrevivente olhando para algo a seus pés.

— O que é? — perguntou Austin.

— Um morto.

Austin espetou o sabre na areia e avançou por entre a erva. Dundee apontou o corpo de um homem deitado de costas, com os olhos vidrados pela morte. Uma barba e bigode negros repletos de areia escondiam a maior parte das suas feições. Devia rondar os quarenta anos. Tinha a cabeça

torcida num ângulo impossível. Uma das faces estava ensopada de sangue e parecia esmagada.

— Parece-me que terá caído do cavalo durante a luta e foi pisado na cabeça — disse Austin. Não era um homem insensível, mas não sentia qualquer piedade pelo cavaleiro morto.

Lombardo trouxera a sua câmara do *Zodiac* e filmava o campo de batalha. Aproximou-se juntamente com Kaela para ver o que despertara a atenção dos outros dois. Assobiou baixo. — Que raio de roupagem é esta?

Austin ajoelhou-se junto ao corpo. — Parece alguma coisa saída do *Feiticeiro de Oz*.

O morto usava um longo casaco cinzento abotoado à frente e calças largas enfiadas em botas pretas. O gorro cilíndrico de pêlo preto estava a poucos metros de distância. Tinha dragonas vermelhas a decorar cada um dos ombros e pendia um coldre de pistola e uma bainha de espada do largo cinto de couro que lhe rodeava a cintura. Tinha uma cartucheira atravessada na diagonal sobre o peito e uma adaga embainhada pendurada do pescoço com um fio.

— Bolas — exclamou Dundee. — O tipo é um arsenal ambulante.

Austin procurou na erva em redor do morto. A alguns metros de distância, encontrou a espingarda e encostou a coronha ao ombro, puxando o ferrolho bem oleado. Tal como a lâmina do sabre, o cano estava gravado com inscrições em cirílico. Austin colecionava pistolas de duelo e acumulara conhecimentos consideráveis acerca de armas antigas. A espingarda era uma *Mosin-Nagant* com mais de cem anos de idade e em perfeito estado. Proferiu uma prece de gratidão em voz baixa por os cavaleiros não usarem armas automáticas modernas. Uma única *Kalashnikov* teria sido suficiente para desfazer o *Albatroz*.

Passou a espingarda a Dundee e vasculhou os bolsos do morto. Nada. Arrancou o emblema em forma de estrela na parte frontal do gorro e guardou-o no bolso. Lombardo terminara de filmar o campo de batalha e Kaela sugeriu que captasse algumas imagens em redor dos edifícios de piso único construídos com blocos de cimento visíveis mais à frente.

— Não me parece boa ideia — disse Austin, apontando o rasto de cascos que conduzia às estruturas. Preocupava-o que os cavaleiros regressassem, mas não disse nada porque não havia muito que pudessem fazer a esse respeito. — Aliás, sugiro que saíamos daqui tão depressa quanto possível. — Apoiou a espingarda no ombro, trouxe o sabre e começou a caminhar de regresso à praia. Kaela alcançou-o no alto da duna.

— Faz ideia do que se passa? — perguntou, sem fôlego. — Porque queríamos estes homens matar-nos?

— Sabe tanto como eu. Pensei que fossem figurantes de um filme até começarem a disparar contra mim.

— Ainda bem que a pontaria não era grande coisa. — Fez uma pausa. Austin estudava-lhe a face como antes havia feito. — Há algum problema?

— Quase me envergonha dizê-lo.

— Custa-me a crer que algo o possa envergonhar. Não me parece ser do tipo tímido.

Austin encolheu os ombros. — De certa forma, poderíamos dizer que já nos encontramos.

— Desculpe, mas certamente haveria de lembrar-me.

— Não de forma literal. Acredite-me quando digo que tem grandes semelhanças com a face de uma princesa que vi uma vez pintada na parede de um templo egípcio.

Kaela era alta e uma boa parte da sua altura estava distribuída pelas pernas longas e bem torneadas. Tinha uma pele suave e morena e cabelo preto e longo com uma onda natural. Os lábios eram cheios e quase perfeitos e os olhos cor de âmbar escuro. Como mulher atraente fazendo um trabalho de homem, pensara já ter ouvido todas as frases de engate alguma vez inventadas, mas aquela era nova. Olhou Austin de soslaio. — É engraçado. Porque eu estava a pensar que se parece com alguém que tenha caído do navio pirata do Capitão Kidd.

Austin riu-se e passou os dedos pelo cabelo despenteado. — Suponho que me pareço realmente com um pirata, mas não estava a brincar. É quase uma sócia da jovem mulher no templo. Apesar de ser muito mais nova do que ela. Acho que o retrato data do ano 4000 a.C.

— Já me chamaram muita coisa — disse, — mas nunca insinuaram que fosse uma múmia egípcia. Obrigada pelo cumprimento, se foi realmente um cumprimento. E por nos salvar a vida. Não conseguiremos nunca pagar-lhe, Sr. Austin.

— Pode começar por me chamar Kurt. E eu posso chamar-lhe Kaela? Sorriu. — Claro.

— Agora que somos velhos amigos, que tal aceitar o meu convite para jantar.

Olhou para cima e para baixo ao longo da praia deserta. — Qual é a sua ideia? Alguma coisa retirada do manual dos escuteiros? Raízes e bagas?

— Nunca fui além dos lobitos e a recolha de raízes e bagas nunca foi o meu forte. Pensava em qualquer coisa como pato *à l'orange*. É quase garantido que consiga uma mesa com vista para o mar.

— Aqui? — perguntou ela, alinhando no jogo.

— Não. Ali. — Apontou para o mar, onde um navio de casco turquesa

avançava na sua direcção. — No *Chez Argo*. Dizem que o cozinheiro trabalhava num hotel Four Seasons antes de a NUMA o roubar.

— A minha mãe não criou filhos estúpidos — disse Kaela. — Seria louca se recusasse um convite destes. — Percebendo o seu mau aspecto, prosseguiu: — Não me parece que esteja vestida para um jantar refinado.

— Haverá com certeza alguma coisa apropriada a bordo. Perguntarei quando ligar a fazer a marcação. O rádio foi a única coisa que não ficou destruída quando aterrei. Talvez possa reunir os seus amigos enquanto contacto o navio, mas aconselho-a a apressar-se. Estamos em território russo e eu não trouxe o passaporte. Não devíamos abusar da estadia.

Kaela seguiu Austin com os olhos enquanto regressava ao ultraleve danificado. Sentia uma possibilidade de reportagem. Quem era aquele tipo? Não era o cientista típico. Chamou Mike e Dundee e pediu-lhes para terminarem as filmagens. A seguir, apressou o passo para alcançar Austin.

6

MOSCOVO, RÚSSIA

COM CONTENÇÃO FÉRREA, VIKTOR PETROV RECOLOCOU O AUSCULTADOR do telefone sobre o suporte, flectindo os dedos e contemplando o vazio. Após um momento perdido em pensamentos, ergueu-se da secretária e foi até à janela. Enquanto contemplava a cidade, deixando os olhos fixar-se sobre os zimbórios de São Basílio à distância, ergueu uma mão e tocou a face direita. Mal sentia o toque dos dedos através do tecido cicatrizado e duro que cobria as terminações nervosas mortas na sua pele. Quanto tempo passara? Quinze anos. Estranho. Depois de todo aquele tempo, um simples telefonema despertara memórias da dor lancinante.

Petrov observou a multidão de peões agitando-se sob o calor do Verão e ansiou pelo Inverno. Como muitos dos seus compatriotas, sentia uma ligação intensa com a neve. O Inverno russo era duro e implacável, mas protegera o país dos exércitos de Napoleão e Hitler. O amor que Petrov sentia pela neve conseguia ser mais prosaico. O Inverno cobria os defeitos da cidade, abafava o seu ruído e a sua corrupção por baixo de um manto branco de pureza.

Regressou à secretária de metal gasto, o maior objecto na pequena e austera divisão. Junto a um cotovelo, um telefone antiquado preto com rodela de marcação. Perto do outro, um aparelho de fax. Um arquivador vazio erguia-se a um canto, ali presente sobretudo para manter as aparências. O escritório apertado era um entre dúzias de cubículos que preenchiam o décimo andar do edifício agrícola, um monumento alto e cinzento à banalidade da arquitectura socialista. Em letras pequenas na porta estavam gravadas as palavras CONTROLO DE PRAGAS SIBERIANO. Petrov raramente tinha visitas. Ocasionalmente, uma alma perdida entrava no edifício, sendo prontamente informada de que o Controlo de Pragas Siberiano se tinha mudado.

Apesar da decoração espartana, Petrov exercia grande influência sobre o governo russo. A chave da sua influência era o anonimato que o mantinha longe da vista. Recordava os velhos tempos em que o *Pravda* publicava devotamente fotografias da hierarquia soviética observando a parada do 1º de Maio a partir do túmulo de Lenine. Qualquer indício de que algum dos presentes no alinhamento seria um possível sucessor do tirano reinante marcaria o desafortunado indivíduo para eliminação. Petrov dominara a arte de se misturar com o cenário. Era o equivalente burocrático de um mutante, uma criatura lendária que conseguisse mudar de forma à vontade. Sobrevivera a três chefes de governo e a incontáveis membros do *Politburo* com a sua habilidade para evitar atenções. Há anos que não permitia que o fotografassem. As fotografias nos seus ficheiros pessoais eram de homens mortos. Resistira a tentativas de atribuição de títulos. Nas várias evoluções da sua longa carreira, fora sempre conhecido simplesmente como “um adido”.

Para ajudar à manutenção da fachada, Petrov escondia o seu físico atlético no interior dos fatos largos e monocromáticos que durante longo tempo foram a farda dos homens cinzentos e sem cara do Kremlin. O seu cabelo com manchas grisalhas pendia sobre o colarinho da camisa barata como se não tivesse dinheiro para pagar um corte frequente. O vidro dos óculos com aros de arame não tinha graduação e cumpria o objectivo de lhe dar uma aparência professoral. No entanto, o disfarce tinha limitações. Conseguia cobrir a cicatriz, mas nenhum talento estilístico conseguiria camuflar a inteligência vivaz que reluzia nos seus olhos de azul metálico e o seu perfil cinzelado projectava uma determinação implacável.

O telefonema fora feito por um jovem esforçado chamado Aleksei, que Petrov recrutara pessoalmente como agente. — Há novos desenvolvimentos no sul — disse, não se esforçando para ocultar a excitação.

Os quatro pontos cardeais serviam como muletas verbais que alertavam Petrov para a localização geral de perturbações no vórtice de homicídios, atentados, rebeliões e insegurança que se agitava nos cantos mais distantes do antigo império soviético. Petrov pensou estar prestes a ouvir novamente más notícias acerca da República da Geórgia.

— Continue — disse, automaticamente.

— Um navio americano violou hoje a fronteira russa no Mar Negro.

— Que tipo de navio? — perguntou Petrov, com irritação mal disfarçada. Tinha assuntos mais prementes com que se ocupar.

— Um navio de pesquisa da Agência Nacional Subaquática e Marítima.

— Da NUMA? — Petrov segurou o auscultador com maior firmeza.

— Continue — disse, tentando manter a voz estável.

— Os nossos observadores identificaram o navio como sendo o *Argo*. Verifiquei a sua licença. Apenas estão autorizados a operar em mar aberto. Houve várias comunicações interceptadas entre o navio e uma aeronave. O piloto do avião indicou que era sua intenção entrar em território russo.

— O avião chegou a atravessar a nossa fronteira?

— Não sabemos, senhor. O radar não captou nada.

— Bom, não se trata propriamente de uma invasão, Aleksei. Não será um assunto a tratar com o Departamento de Estado americano?

— Não neste caso, senhor. O avião comunicou a sua posição e pudemos traçar-lhe a rota. Voava perto do Departamento Três Trinta e Um quando o piloto referiu planos para se encontrar com o navio.

Os lábios de Petrov abriram-se, praguejando em silêncio. — Tem a certeza de que era essa a posição?

— Absoluta.

— Onde se encontra actualmente o navio da NUMA?

— A guarda costeira enviou um helicóptero para o local. O navio saiu das águas territoriais russas e parece dirigir-se para Istambul. Continuamos a monitorizar as comunicações via rádio.

— E o avião?

— Não há sinais dele.

— Presumo que tenha havido uma inspecção rigorosa do local de aterragem.

— Sim, senhor. A equipa referiu ter visto cerca de meio hectare de erva queimada. Havia muitas pegadas e rastos de cavalos.

Cavalos. Petrov sentira-se como se alguém tivesse caminhado sobre o seu túmulo.

— Quero que acompanhe o progresso do navio. Se atracar, coloque-o sobre vigilância permanente. Alerta-me para qualquer desenvolvimento relacionado.

— Sim, senhor. É tudo?

— Envie-me a transcrição das comunicações entre o piloto e o navio.

— Fá-lo-ei imediatamente.

Petrov louvou o rigor do agente e desligou. O fax activou-se alguns minutos mais tarde e cuspiu várias folhas de papel. Petrov estudou a transcrição a dois espaços do diálogo entre o capitão do *Argo* e o homem na aeronave. Os seus dedos tornaram-se hirtos ao ler a primeira linha.

— Austin para *Argo*.

Austin. Era impossível.

Inspirou profundamente para acalmar os nervos. Austin era um apelido comum nos Estados Unidos e a NUMA era uma organização de grandes dimensões. Tentou convencer-se de que era apenas uma coincidência, mas,

enquanto lia o resto da transcrição, os seus lábios esboçaram um sorriso sinistro. O discurso descontraído do piloto era inconfundível. A referência irreverente ao director da NUMA foi o elemento que comprovou a suspeita. Lia as palavras de Kurt Austin.

Petrov estendeu o braço para um arquivador empoeirado e retirou uma pasta grossa com a indicação “NUMA, Kurt Austin”. As páginas gastas pelo manuseamento disseram-lhe o que sabia de cor. Austin nascera em Seattle, o seu pai era o bem-sucedido proprietário de uma empresa de resgates marítimos. O mar moldara a sua personalidade aventureira. Aprendera a navegar ao mesmo tempo que dava os primeiros passos e, enquanto crescia, foi adquirindo um gosto por barcos velozes, apesar de, em anos recentes, se ter dedicado a fazer canoagem no Rio Potomac. Viviam num barco convertido junto a Palisades em Washington, D.C., a menos de quilómetro e meio da sede da *Central Intelligence Agency* em Langley. Apreciava a filosofia, colecionava pistolas de duelo e ouvia jazz vanguardista.

Continuou a ler, apesar de os seus olhos mal registarem as palavras. Depois de estudar para o seu mestrado em gestão de sistemas na Universidade de Washington, Austin frequentara uma conceituada escola de mergulho em Seattle e obteve formação como mergulhador profissional. Aplicou os conhecimentos adquiridos trabalhando em plataformas petrolíferas no Mar do Norte e regressou à empresa de resgates do pai antes de ser aliciado para o serviço governamental por um pouco conhecido ramo da CIA que se especializava em recolha de informações subaquáticas. No fim da Guerra Fria, a CIA encerrara o serviço e o director da NUMA, o almirante James Sandecker, contratara Austin para liderar uma equipa de missões especiais formada para se ocupar da pesquisa oceanográfica.

Os passados de Austin e Petrov não podiam ser mais diferentes. Tal como o americano, corria água salgada pelas veias de Petrov, mas as suas origens eram mais humildes. Nascera como filho único de um pescador pobre. Enquanto Pioneiro, a sua inteligência e capacidade atlética despertaram a atenção de um comissário político visitante e foi levado para Moscovo, entregue à tutela do estado. Não voltou a ver os pais ou os irmãos. Pior ainda, não pensara em vê-los. O estado soviético tornara-se a sua nova família. Frequentou as melhores escolas, revelando aptidão para a engenharia, prestou serviço no KGB como oficial de submarinos e, mais tarde, passou para os serviços de informações navais. Tal como Austin, Petrov também estivera integrado num pouco conhecido ramo de espionagem marinha. Ao contrário do grupo de Austin, que se concentrava na pesquisa oceanográfica, Petrov e os colegas tinham autorização para usar todos os meios possíveis no cumprimento do dever, incluindo a força.

Os seus caminhos cruzaram-se pela primeira vez depois de um sub-

marino israelita ter afundado de forma camuflada um cargueiro iraniano transportando armamento nuclear. Petrov recebeu ordens para o recuperar a qualquer custo: o cargueiro poderia tornar-se um embaraço porque as armas tinham sido subtraídas ao arsenal soviético. Entretanto, os Estados Unidos levavam a cabo uma tentativa de conciliação entre os seus aliados árabes e Israel, e Washington preocupava-se com a possibilidade de os iranianos descobrirem como o navio fora afundado, declarando uma guerra santa que se espalharia ao resto da região. Austin fora escolhido para chefiar uma tentativa de resgatar o cargueiro e destruir as provas.

Navios da URSS e dos EUA alcançaram o cargueiro afundado ao mesmo tempo. Nenhum dos navios cedia passagem ao outro. O impasse arrastou-se durante dias. Havia navios de guerra dos dois países no horizonte. A tensão era extrema. Petrov aguardava ordens de Moscovo quando foi chamado à ponte de comando para ouvir uma mensagem do navio americano.

— Daqui navio americano *Garra* para navio de resgate soviético não identificado. Responda, por favor. — A voz falava num russo com sotaque cerrado.

— Navio de resgate soviético para *Garra* — respondeu Petrov no inglês americano que aprendera nas escolas estatais.

— Importa-se que falemos em inglês? — perguntou o americano. — O meu russo está um pouco enferrujado.

— Com certeza. Presumo que nos tenha contactado para informar que se afastarão do local.

— Não. Por acaso, queria saber como estão as vossas reservas de caviar.

Petrov sorriu. — São perfeitamente satisfatórias. Obrigado. Permita-me que coloque uma questão. Quando partirá o vosso navio?

— O seu inglês não é tão bom como pensei. Não temos qualquer intenção de abandonar águas internacionais.

— Nesse caso, a responsabilidade por eventuais repercussões será sua.

— Desculpe, mas não aceitamos repercussões.

— Então não nos resta alternativa senão forçar a situação.

— Vejamos se poderemos resolver o assunto de forma amigável, *tovarich* — replicou o americano de forma casual. — Ambos sabemos o que existe nos destroços e de que forma poderia prejudicar os nossos respectivos países. A minha sugestão é esta: Recuaremos enquanto mergulham para recuperar a vossa... hmm... propriedade roubada. Até poderemos dar uma ajuda se quiserem. Quando terminarem a vossa operação de resgate, partem e nós destruiremos as provas. Que lhe parece?

— É uma proposta interessante.

— Creio que sim.

— Como saberei que posso confiar em si?

— As acções falam mais alto do que as palavras. Darei ordens para recuarmos meia milha.

Petrov observou o navio americano recolher a âncora e reposicionar-se a maior distância da localização dos destroços. Pensou que, apesar dos modos coloquiais do americano, este estaria determinado em cumprir a sua missão. A alternativa ao acordo seria o confronto. Não gostava de arriscar. Se o americano voltasse atrás, poderia recorrer aos homens armados que tinha a bordo e a marinha soviética aguardava uma palavra sua para avançar. Fosse qual fosse o resultado, não seria bem visto por deixar a situação descontrolar-se.

— Muito bem — disse. — Depois de terminarmos o nosso resgate, partiremos e poderão avançar.

— Parece-me justo. A propósito, como se chama? Gosto de saber com quem lido.

A pergunta apanhou Petrov desprevenido. De certa forma, não tinha nome, tendo-lhe sido atribuído um pelo governo soviético. Riu-se e disse: — Pode chamar-me Ivan.

A sua resposta foi saudada com uma gargalhada profunda. — Aposto que metade dos tipos no seu navio se chamam Ivan. Muito bem, pode chamar-me Zé Ninguém. — Desejou boa sorte a Petrov em russo e terminou a comunicação.

Petrov não perdeu tempo, enviando de imediato mergulhadores até ao cargueiro. O buraco deixado pelo torpedo permitia um acesso relativamente facilitado ao casco e as duas ogivas nucleares foram extraídas. Houve alguns momentos mais delicados quando as correntes arrastaram os cabos que içavam a carga, mas trabalharam em turnos rotativos e conseguiram acabar o trabalho em menos de vinte e quatro horas. Petrov ordenou ao navio que se afastasse, fazendo sinal aos americanos. Os navios passaram a poucas centenas de metros um do outro, seguindo em direcções opostas. Petrov manteve-se no convés e observou o navio americano através dos binóculos. Pelas lentes, viu um homem encorpado com cabelo grisalho olhando-o. O americano baixou os binóculos e acenou. Petrov ignorou-o.

O seu encontro seguinte não foi amigável. Um avião comercial de um país do Terceiro Mundo fora misteriosamente abatido sobre o Golfo Pérsico. A paranóia era a psicose nacional dominante durante a Guerra Fria e, por razões tão vagas que pareciam rebuscadas, ambos os países suspeitaram do outro. Novamente, Petrov e Austin localizaram o avião ao mesmo tempo. O navio de Petrov quase abalroou os americanos, desviando-se no

último instante para que Austin conseguisse ver os homens armados no convés. Austin contactou Petrov e aconselhou o russo a melhorar a forma como navegava ou arriscar-se-ia a ser multado, recusando teimosamente afastar-se. Evitou-se o incidente internacional quando navios do país de origem do avião chegaram ao local para reclamar os destroços.

Enquanto os navios rivais se afastavam em direcções opostas, Austin enviou pelo rádio uma mensagem de despedida.

— Até à vista, Ivan. Voltaremos a encontrar-nos.

Petrov tinha um rastilho curto nos seus tempos de juventude e este americano arrogante irritava-o. — É melhor esperar que isso não aconteça — respondeu num tom frio e directo. — O resultado não agradecerá a nenhum de nós.

Oito meses mais tarde, a previsão de Petrov concretizou-se.

Durante a Guerra Fria, os Estados Unidos levaram a cabo uma ousada operação de espionagem. Quando o segredo foi finalmente revelado anos mais tarde, um escritor chamou-lhe “*Bluff do Cego*”, um jogo perigoso jogado por alguns intrépidos comandantes de submarino e pelas suas tripulações e que consistia em levar os submarinos até poucas milhas da costa soviética para recolher informações. Um dos esquemas envolvia a instalação de um aparato electrónico para interceptar comunicações transmitidas através de cabos submarinos.

No seu austero gabinete em Moscovo, Petrov acendeu um dos finos charutos havanos que obtivera por encomenda especial e soprou uma baforada de fumo. A sua mente deambulou através dos anos e, na nuvem que se agitava à sua frente, viu a neblina matinal erguendo-se da superfície fria e escura do Mar de Barents enquanto o seu navio cruzava as águas na máxima velocidade.

Deslocara-se a Moscovo para conseguir fundos para equipamento novo de um *apparatchik* estrategicamente posicionado que se queixara de limitações orçamentais. Um dos assistentes de Petrov contactara-o, informando que fora interceptada uma mensagem estranha a um navio desconhecido próximo da costa russa. A mensagem codificada era curta, como se o operador de rádio estivesse apressado. Os criptógrafos soviéticos tentavam decifrá-la. O único motivo para alguém arriscar o envio de uma mensagem seria se estivessem em apuros, pensou Petrov, enquanto o burocrata continuava a falar. Petrov sabia que submarinos americanos tinham vindo ao Mar de Barents. Podia um deles estar em apuros?

Terminou a reunião e apanhou um avião para Murmansk, onde o navio de pesquisa o aguardava. O equipamento científico tinha sido acrescido com cargas de profundidade, armamento e um corpo experiente de fuzileiros armados. Quando levantou âncora, o código tinha sido decifrado. A

mensagem consistia numa única palavra: Perdidos. Ordenou que todos os navios e aviões ficassem atentos a embarcações estranhas acima ou abaixo da superfície.

No entanto, apesar da atenção dos soviéticos, o *Garra* levou a cabo uma operação de resgate exemplar. O navio americano chegara durante a noite com um especialista em língua russa a bordo que transmitiu um código de identificação forjado quando o navio foi captado pelo radar. Não era perfeito, mas foi suficiente para ganhar tempo. Outro submarino americano, cuja hélice fora preparada para funcionar de forma ruidosa, atraiu a atenção dos russos para longe. O submarino perdido estava a cerca de noventa metros de profundidade, imobilizado sobre o fundo, sem energia depois de uma explosão nos circuitos eléctricos. A tripulação de cem homens foi resgatada em horas, usando uma cápsula de mergulho especial.

Petrov percebeu finalmente que fora enganado e o seu navio avançava a grande velocidade para o local do resgate. Seguiu o cabo de comunicações até as leituras do magnetómetro revelarem uma enorme massa de material metálico. Poderia ser o submarino americano. Havia um navio a afastar-se rapidamente para fora do local e Petrov reconheceu o *Garra*. Falando em inglês, contactou o navio pelo nome e ordenou que parasse.

Uma voz familiar respondeu-lhe através do rádio. — Ivan? É você? — disse o homem que dissera chamar-se Zé Ninguém. — É um prazer ouvi-lo novamente.

— Prepare-se para uma abordagem ou o seu navio será afundado.

Ouviu uma gargalhada. — Bolas, Ivan, pensei que os russos fossem melhores jogadores de xadrez.

— Para lhe ser sincero, prefiro o póquer.

— E terá sido precisamente no póquer que aprendeu a fazer *bluff*. Boa tentativa, camarada.

— É o nosso último aviso. Vão ser sobrevoados por aviões dentro de cinco minutos e o vosso navio será destruído se não pararem.

— Muito pouco e demasiado tarde. Estaremos em águas internacionais dentro de três minutos. Os nossos departamentos de Estado e de Defesa estão a par da situação. Parece-me que está sem sorte.

— Não diria isso. Ainda temos o vosso submarino e o seu conteúdo, Sr. Ninguém. Os nossos cientistas divertir-se-ão a dissecar o equipamento secreto.

— Isso não vai acontecer, amigo.

— Penso que se engana. O *Explorador Glomar* é o único navio que consegue erguer um submarino. — Petrov referia-se ao resgate anterior de um submarino soviético por um navio americano.

— No seu lugar, não me aproximaria desse submarino. Está fortemente minado.

— E agora quem faz *bluff*, Sr. Ninguém?

— Falo muito a sério, Ivan. O submarino transportava noventa quilos de explosivos HBX para o caso de ocorrer uma eventualidade destas.

— Porque lhe importaria a minha morte?

— Olhe, Ivan, a Guerra Fria não durará para sempre. Algum dia, vamos encontrar-nos num bar e você pagar-me-á um martini com *Stolichnaya*. — A sua voz perdeu a leveza. — Não é uma piada. O navio irá auto-destruir-se dentro de vinte minutos. Fui eu que activei o contador.

— Está a mentir.

— Pessoas como nós não mentem uns aos outros, amigo.

Foi a vez de Ivan se rir. — Parece-me que viu demasiados episódios da *Missão Impossível*, amigo.

Desligou o rádio. Era impossível que tivessem evacuado a tripulação e instalado cargas explosivas. Não conhecia a extensão dos conhecimentos de Austin. Poderia ter esperado vinte minutos para ver se dizia a verdade, mas a fúria toldou-lhe o julgamento. O navio de Petrov transportava a bordo um mini-submarino com capacidade para um único tripulante que poderia ser rapidamente lançado em missões de reconhecimento e ordenou que fosse preparado para mergulhar.

Sentado no seu gabinete, anos depois desse dia, observava o brilho avermelhado da extremidade do charuto. Como fora impetuoso e tolo quando era jovem. Fizera mergulhar o submarino com forma de torpedo quase a pique. Em poucos minutos, as suas luzes iluminaram o casco negro no fundo e viu o aparato de escuta junto ao cabo de comunicações, pousando a seu lado. O braço metálico retráctil do mini-submarino alcançou o aparato no momento em que se deu um clarão cegante e um estrondo abafado. Petrov sentiu-se projectado para o alto. E perdeu os sentidos.

Acordou com o cheiro anti-séptico de um hospital soviético. A sua perna partida e mutilada estava erguida e tinha a face direita coberta com grossas ligaduras no local onde estilhaços metálicos aguçados se haviam cravado na pele quando o mini-submarino foi projectado para a superfície, onde foi recuperado consigo no interior. Tivera de usar um aparelho auditivo até os seus tímpanos perfurados recuperarem. Passara quatro semanas no hospital antes de receber alta e ser entregue aos cuidados de uma enfermeira na sua *dacha*, a casa de campo que possuía nos arredores de Moscovo.

Petrov estava sentado ao sol, lendo Tolstoi, quando a enfermeira lhe trouxe um ramo de cravos vermelhos, brancos e azuis. Entre as flores, havia um pequeno cartão.

Recordando aquele dia, Petrov retirou um envelope de dentro da pasta. O cartão no interior estava amarelecido pela passagem do tempo, mas as grandes letras maiúsculas em inglês continuavam visíveis.

“Lamento que tenha sido apanhado, Ivan. Não pode dizer que não o avisei. Recupere depressa para podermos beber aquele copo. A primeira rodada é por minha conta. Zé Ninguém”

Austin quase acabara com a sua vida e com a sua carreira. Agora, o mesmo homem vasculhava num local onde poderia fazer descarrilar os seus planos cuidadosamente delineados. Austin não tinha forma de saber a que ponto a sua intromissão era perigosa. A que ponto a situação na Rússia era precária. Ao longo da história, o país fora atormentado por líderes cruéis, ineptos e até psicopatas. Petrov era um dos milhares de subalternos anónimos que obedeciam aos mestres sem questionar e que lhes permitiam manter-se no poder. Naquele momento, a frágil nação parecia encaminhada para uma nova orgia de autodestruição. As fúrias crescentes na alma da Mãe Rússia não tardariam a varrer o país da Sibéria a São Petersburgo.

Petrov voltou a ler o cartão e ergueu o auscultador do telefone.

— Sim, senhor — respondeu o assistente de confiança que ocupava um gabinete noutra parte do edifício da agricultura.

— Quero um avião pronto a partir para Istambul dentro de uma hora.
— Ordenou ainda que ligasse à sua amante e cancelasse o jantar com ela.

— Deseja que transmita alguma mensagem em particular à senhora Kostikov? — perguntou o assistente.

Petrov ponderou a questão. — Sim — respondeu, após um momento.
— Diga-lhe que precisei de retribuir um favor a um velho amigo.

7

NOVOROSSIYSK, MAR NEGRO

O HOMEM DE BARBA SENTAVA-SE NO CHÃO ATAPETADO DA CABINA ESCURA, com as pernas cruzadas em posição de lótus, pousando as mãos rudes de camponês sobre o colo. Mantivera a mesma posição durante mais de duas horas e o único sinal de vida era o ligeiro oscilar do seu peito estreito. O pulso quase não era perceptível e o batimento cardíaco letárgico teria alarmado um cardiologista. Os olhos de pálpebras pesadas sobre o nariz proeminente estavam fechados, mas não estava adormecido ou acordado. Os lábios grossos curvavam-se num sorriso beatífico. Invisível por trás dos ramos espinhosos que guardavam o matagal denso da sua mente, abrigavam-se os delírios inalcançáveis de um louco.

Ouviu-se uma pancada leve na porta. O homem de barba não deu sinais de a ter ouvido. A pancada repetiu-se, de forma mais intensa e insistente.

— Sim — disse o homem em russo. A sua voz profunda parecia ecoar das profundezas de uma catacumba.

A porta abriu-se uma nesga e um jovem vestido com farda de paquete de navio entrou. A luz do corredor iluminava a face do homem sentado. O paquete murmurou uma prece silenciosa que a sua avó lhe ensinara como protecção contra os demónios. Reunindo coragem para falar, disse: — Perdoe-me a interrupção, senhor.

— O que foi?

— O Sr. Razov pede para vê-lo na cabina principal.

Olhos profundos de um amarelo pálido abriram-se e fitaram o crânio ossudo. Eram os olhos hipnóticos de um predador, grandes e lustrosos.

Uma pausa. A seguir: — Diga-lhe que estarei lá.

— Sim, senhor. — Enfeitiçado pelo olhar prolongado, o paquete sentiu

a força começar a abandonar-lhe as pernas. Bateu com a porta e correu pelo corredor.

O homem ergueu-se, alcançando a sua altura plena de um metro e noventa e cinco. Estava vestido com uma túnica de algodão negro presa com um cinturão. O colarinho militar da camisa estava apertado contra o pescoço e as calças estavam enfiadas dentro de botas baixas de cabedal preto brilhante. O cabelo castanho-escuro tapava-lhe as orelhas e unia-se à barba densa que lhe descia até ao peito.

Libertou os músculos da rigidez articulação por articulação e inspirou grandes golfadas de ar para o interior dos seus pulmões ávidos. Quando todos os seus sistemas vitais passaram a funcionar normalmente, abriu a porta da cabina, baixou a cabeça e saiu para o corredor. Movendo-se em silêncio, seguiu pelo corredor e subiu ao convés do iate de cento e vinte metros. Os tripulantes que o viram aproximar-se, afastavam-se para lhe dar passagem.

O iate fora concebido com um amplo convés desimpedido e estrutura baixa e esguia que minimizava a resistência do ar. Baseado na configuração de um cargueiro de alta velocidade, o navio fora construído com uma proa em forma de V profundo que cortava as ondas e uma popa côncava que reduzia o atrito. Impelido por turbinas a gasolina e usando um inovador sistema de propulsão aquática a jacto, podia atingir velocidades duas vezes superiores às de navios de dimensões idênticas.

O homem de barba alcançou uma porta, abriu-a sem bater e entrou num salão espaçoso, tão grande como uma casa modesta. Caminhou através da área preenchida com sofás, cadeirões e uma mesa de jantar de proporções medievais. O piso estava coberto com antigos tapetes persas, cada um valendo uma pequena fortuna. Nas paredes havia obras-primas de valor incalculável, a maioria roubadas de museus e colecções privadas.

No extremo mais distante do salão, havia uma colossal secretária fabricada do mais refinado mogno com embutidos de ouro e pérola. Na parede por trás da secretária, um logótipo estilizado representava um gorro militar russo de pêlo sobre um sabre desembainhado e inclinado. Impressa em letras cirílicas por baixo do símbolo, figurava a inscrição: *INDÚSTRIAS ATAMAN*. Sentado à secretária, falando ao telefone, estava Mikhail Razov, o presidente da *Ataman*.

Apesar de a voz de Razov ser pouco mais do que um sussurro, o seu tom aparentemente gentil não conseguia disfarçar a ameaça fria presente nas palavras. A face pálida poderia ter sido esculpida em mármore de Carrara, mas ninguém confundiria o perfil de linhas duras com o trabalho de um escultor renascentista. Era uma face que vítimas incontáveis haviam contemplado entre os seus últimos fôlegos.

Dois esguios cães *borzoi* brancos estendiam-se a seus pés. Quando o homem alto se aproximou, começaram a ganir. Razov pousou o telefone e mandou calar os cães que rastejaram para baixo da secretária. Operou-se em Razov uma espantosa metamorfose. Os impassíveis olhos cinzentos encheram-se de um calor inesperado, os lábios cruéis esboçaram um sorriso e as feições duras suavizaram-se. Assemelhava-se agora ao tio preferido de qualquer pessoa. Criminosos de carreira como ele tornavam-se actores qualificados se vissem tempo suficiente. Razov cultivara o seu talento natural de camaleão sob a tutela de actores profissionais. Num instante, conseguia transformar-se de rufia assassino em empresário motivado, anfitrião encantador ou orador carismático.

Os seus ombros poderosos e coxas musculadas eram indícios de origens mais humildes. Nascido nas estepes que circundavam o Mar Negro, filho de um criador de cavalos cossaco, Razov montara desde que se tornara suficientemente alto para trepar a uma sela. Tinha uma mente ágil e depressa percebeu as desvantagens do brutal trabalho agrícola que matara a sua mãe e arruinava a saúde do pai.

Fugiu para a cidade e colocou o seu vigor físico, como capanga, ao serviço de um bando de extorcionistas. A perícia de Razov como esmagador de ossos e assassino fê-lo ganhar bom dinheiro. Esqueceu a quantidade de vezes que atingira a tiro a rótula de comerciantes reticentes ou a cabeça de um devedor que se atrasasse nos pagamentos. Perdera a conta às prostitutas fúgitivas que estrangulava. E usara a riqueza recém-adquirida, para comprar o seu próprio bordel.

Rapidamente, após eliminar o seu empregador, conseguiu controlar uma rede de casas de passe. Protegia o seu investimento com um exército privativo de gorilas implacáveis e alargou o ramo de actividades ao jogo, ao tráfico de droga e à agiotagem. Com subornos generosos e homicídios estratégicos, Razov conseguiu colocar-se fora do alcance das autoridades soviéticas e tornou-se multimilionário. Transformou-se no arquétipo do mafioso soviético e parecia imparável até surgir um rival mais agressivo.

O homem de barba aproximou-se e ficou de pé à frente da secretária, com as mãos unidas. — Chamou-me, Mikhail?

— Boris, meu caro amigo e conselheiro. Lamento ter perturbado a sua meditação, mas há notícias importantes.

— O teste foi bem-sucedido?

Razov acenou afirmativamente. — Os relatórios de danos iniciais são muito impressionantes, levando em conta a escala reduzida da experiência. — Pressionou um botão na secretária e surgiu um criado como que por magia, trazendo um tabuleiro com dois copos e uma garrafa de vodka. Razov encheu os copos até cima e passou um a Boris. Fazendo sair o criado,

indicou-lhe um dos cadeirões, sentou-se no oposto e ergueu o copo num brinde.

A grande maçã-de-adão de Boris agitou-se enquanto sorvia ruidosamente a bebida. Esvaziou o copo como se o conteúdo não fosse mais forte do que uma tisana e limpou a boca com as costas da mão peluda. — Quantos mortos? — perguntou, mal conseguindo conter a avidez.

— Um ou dois — respondeu Razov com um encolher de ombros. — Aparentemente, parece ter havido um aviso.

Os olhos bizarros do monge reluziram com uma raiva assassina. — Um informador?

— Não. Foi completamente inesperado. Um pescador avisou os residentes e o porto foi evacuado.

— Uma pena — exclamou Boris com tristeza genuína na voz. — Precisamos de nos certificar de que, na próxima vez, não haverá avisos.

Razov acenou com a cabeça em concordância e apontou um grande monitor de computador na parede. O ecrã mostrava um planisfério. Piscava com luzes que mostravam as posições da dispersa frota da *Ataman*. Usando um controlo remoto, ampliou o mapa, centrando-o sobre uma linha de luzes que se reunia ao largo da costa leste dos Estados Unidos.

— Os nossos elementos tomam as suas posições. — Os seus olhos tornaram-se mais frios. — Posso assegurar-lhe que, quando o nosso trabalho estiver concluído, haverá muitos mortos a contar.

Boris sorriu. — Então o projecto da América do Norte está dentro do prazo?

Razov voltou a encher os copos. Parecia perturbado. — Sim e não. Há alguns assuntos de importância vital que quero discutir consigo. Têm influência nos nossos planos. Precisamos de lidar com um problema inesperado. Houve intrusos na nossa operação no Mar Negro.

— Moscovo tomou conhecimento das nossas actividades?

— Os idiotas de Moscovo continuam alheios ao nosso plano — replicou Razov com desprezo não disfarçado. — Não. Não foi o governo central. Uma equipa televisiva americana desembarcou perto da velha base de submarinos.

— Americanos? — Ergueu o braço para o alto. — Um presente do Céu — disse, com olhos brilhantes. — Espero que os seus pescoços tenham sentido os gumes aguçados das lâminas dos guardiões.

— Pelo contrário. Houve uma luta e os guardiões foram forçados a retirar. Alguns dos seus homens morreram durante o confronto.

— Como é isso possível, Mikhail? Os guardiões foram treinados para mater sem piedade.

— É verdade. São cavaleiros exímios. Guerreiros cossacos de grande perícia. As suas armas são tradicionais, mas eficientes.

— Então como poderia resistir uma equipa televisiva desarmada?

— Não estavam sozinhos — respondeu Razov com desprezo. — Aparentemente, foram auxiliados por um avião.

— Militar.

Razov abanou a cabeça. — As minhas fontes dizem-me que descolou de um navio chamado *Argo*. Supostamente, está no Mar Negro para realizar uma pesquisa científica para a NUMA.

— O que é essa NUMA?

— Esqueci-me de que estive isolado do mundo exterior durante muitos anos. A Agência Nacional Subaquática e Marítima é a maior organização de ciência oceânica do mundo. Possuem milhares de cientistas e engenheiros espalhados através do globo. O piloto do avião, o homem que matou os guardiões, era um desses cientistas.

Boris ergueu-se e caminhou pela cabina. — Essas notícias preocupam-me. Como poderiam cientistas e engenheiros derrotar guerreiros armados?

— Uma boa questão. Não sei. Mas estou certo de uma coisa. A história não termina aqui. Ordenei preparativos para avançar as nossas operações. Entretanto, serão destacados mais guardas. Tomei a liberdade de os armar com armas modernas. Lamento. Sei como se sente acerca da preservação da pureza das nossas tradições.

— Compreendo a necessidade de estar preparado para enfrentar forças impuras. E quanto ao seu aliado em Washington?

— O seu poder é limitado, mas pedi-lhe para fazer o possível sem colocar em perigo o papel que desempenha.

— Precisamos de saber com quem lidamos — disse Boris. — Esta NUMA poderá não ser aquilo que apregoa.

— De acordo. Seria insensato subestimá-los como fizeram os guardiões.

— Fale-me dessas pessoas da televisão.

— Confirmei que pertenciam a uma estação americana. Dois homens e uma mulher.

Boris afoagou a barba de forma pensativa. — Não se tratou de um acidente. A equipa televisiva e essa NUMA devem ser uma cobertura para um esquema americano. Onde estão agora?

— No *Argo* de regresso a Istambul. Enviei um barco para os seguir.

— Podemos destruir o navio da NUMA?

— Com a mesma facilidade com que esmagaríamos um insecto, mas não me parece que fosse sensato neste momento. Poderá atrair atenções para a nossa operação no Mar Negro.

— Então precisamos de esperar.

— Concorde. Quando a operação estiver concluída poderemos ter a nossa vingança.

— Curvo-me perante a sua sabedoria, Mikhail.

O sorriso de Razov era tão caloroso como o de uma anaconda. — Não, Boris. É você o sábio. Os meus conhecimentos são da área dos negócios e da política, mas você tem a visão de um futuro glorioso e grandioso.

— Uma visão que enfrentará isolada a corrupção e materialismo que corroem o nosso outrora grande país como um cancro. Precisamos de mostrar ao mundo que a nossa causa é justa. Ninguém deve intrometer-se no nosso plano de amputar a decadência onde quer que a encontremos.

— Quero que veja uma coisa — disse Razov. Pressionou um botão na secretária. — Este é o meu discurso mais recente perante o exército.

Surgiu uma imagem no ecrã da parede. Razov falava no interior de um edifício amplo. A assistência era constituída por homens uniformizados de vários ramos das forças armadas russas. Razov subiu ao palco e, dentro de minutos, tinha a assistência na palma da mão. Enquanto falava, parecia crescer até aos três metros de altura, servindo-se do poder da sua voz profunda, físico impressionante e convicções para exortar a multidão:

— Devemos honrar o código guerreiro dos nossos irmãos cossacos. O nosso povo travou a nata do Império Otomano e derrotou Napoleão. Os cossacos conquistaram Azov para Pedro, o Grande e defenderam as fronteiras da Rússia contra os invasores ao longo de séculos. Agora, chegados aos sete milhões, destruiremos com a vossa ajuda os inimigos internos, os financeiros, os criminosos e os políticos que reduziriam o nosso país a pó sob as suas botas.

A multidão não tardou a pôr-se de pé num exemplo assustador de histeria colectiva. Avançaram para o púlpito com olhos vidrados e braços estendidos. Queriam unir-se a ele. Entoavam “Razov... Razov... Razov”. Razov desligou o ecrã.

— Aprendeu bem a lição, Mikhail — disse Boris.

— Não, Boris. Foi você que me ensinou bem.

— Limitei-me a mostrar-lhe como canalizar as paixões do nosso povo.

— Isto não é nada comparado com o que aí vem. Mas dependerá em grande parte do nosso trabalho no Mar Negro. Estava em contacto com o navio de resgate quando chegou. Há muitas dificuldades, mas parecem estar perto do objectivo. Disse-lhes que as suas vidas dependiam do sucesso. Não aceitarei fracassos.

— Quer que veja o futuro?

— Sim. Diga-me o que vê.

Boris curvou a cabeça e tocou a testa com os dedos. Os olhos tornaram-se vidrados. Falava como se a sua voz emergisse de uma caverna. — Profetizo que virá o dia em que tomará as rédeas como novo czar da Mãe Rússia. Todos os nossos inimigos serão vencidos. Os Estados Unidos serão os primeiros a sentir a espada dos justos.

— Que mais vê?

Franziu a testa como se sentisse dores e a sua voz tornou-se oca. — Frio e trevas. Um local de morte no fundo do mar. — Estendeu a mão e segurou o braço de Razov, cravando-lhe os dedos na carne como punhais. — Há luz. — Os lábios grossos curvaram-se num sorriso beatífico. — O sucesso é alcançável. — A vida regressou aos olhos frios. — Os espíritos dos mortos não tardarão a abençoar a nossa causa. Exigim-lhe que procure vingá-los. — Razov fora um criminoso bem-sucedido e era uma criatura urbana. Deslocado do seu elemento, era praticamente indefeso.

Recordou o seu primeiro encontro com Boris. Deambulara, perdido e meio faminto, pela agreste paisagem rural quando encontrou um grupo de camponeses. Eram dúzias, fracos e doentes, alguns incapazes de caminhar, sendo transportados pelos outros. Quando perguntou onde iam, responderam que iam ao mosteiro para serem curados pelo “louco”. Sem outra coisa para fazer, seguiu-os. Viu os aleijados atirarem para longe as muletas e os cegos afirmarem que conseguiam ver. Quando se aproximou de Boris, o monge fitou-o como se há muito fossem conhecidos e disse: — Esperava-o, meu filho.

Sob o olhar daqueles olhos notáveis, Razov contou a sua história. O choque sentido perante as últimas palavras do pai. A sua retirada da civilização e as deambulações pelo território selvagem que rodeava o Mar Negro. Boris pediu-lhe para ficar depois de os outros partirem e conversaram durante toda a noite. Quando Razov perguntou onde estavam os outros monges, Boris respondeu apenas: — Não eram dignos. — Razov suspeitou qual seria a horrível verdade, mas não fez qualquer diferença. Quando regressou à civilização, a figura bizarra do monge barbudo estava a seu lado e aí se mantivera desde então.

Eventualmente, outros mafiosos se tinham infiltrado no território de Razov. Por sugestão de Boris, fizera saber que abandonava o seu quinhão e certificou-se de que o seu passado sórdido não voltaria para o assombrar. Começou por mudar de nome e, a seguir, após vários homicídios, fogos postos e explosões, conseguiu apagar a maior parte das ligações aos seus dias de criminoso. Recorrendo aos milhões guardados em contas bancárias na Suíça e aos métodos musculados que tão bem o haviam servido no crime, comprou minas que escapavam ao controlo comunista. Em breve, conseguiu expandir os seus interesses até ao mar.

Os observadores notaram um laço misterioso e profundo entre os dois homens. Razov consultava Boris acerca de todas as decisões cruciais e compensava-o de forma principesca. E o monge era também um exemplo perfeito de personalidade múltipla. Os seus aposentos no iate estavam decorados apenas com uma tarimba onde passava horas incontáveis em meditação e não se lavava durante longos períodos de tempo. Por vezes, no entanto, quando o iate atracava, desaparecia. Razov colocou alguém a seguir Boris e descobriu que o monge passava o seu tempo nos bordéis menos recomendáveis. Parecia debater-se com dois lados distintos. O do monge ascético e o do devasso homicida.

Mas, apesar de toda a sua loucura, era um conselheiro valioso com a sua insanidade temperada por uma inteligência calculista. Naquele caso em particular, Boris estava certo quanto à NUMA. Poderia revelar-se uma ameaça.

8

MAR NEGRO

SEGUINDO A ROTA DO *ARGO* ORIGINAL, O NAVIO DA NUMA AVANÇOU PELO Mar Negro fora em direcção ao Bósforo, a passagem estreita que separa os lados asiático e europeu de Istambul. Ao contrário de Jasão, que regressara com o tosão de ouro, tudo o que Austin tinha para mostrar como resultado dos seus esforços era um ferimento na testa, uma equipa televisiva suja e esfarrapada e inúmeras perguntas sem resposta.

A evacuação da praia russa decorrera sem problemas. O capitão Atwood enviou um barco para transportar Austin e os outros até ao *Argo*. Trazer o *Albatroz* revelou-se menos problemático do que pensara. Foi sobretudo o trabalho de recolher os pedaços. Austin não sentia grande vontade de dizer a Zavala que o que restava do pequeno e esbelto avião que concebera quase poderia ser guardado numa caixa de sapatos.

Na última viagem à praia, Austin notou algo a flutuar na água. Era o corpo do timoneiro turco, Mehmet. Içaram-no e trouxeram-no para o navio. A visão, merecedora de pena, fê-lo pensar no jogo mortal que jogara. Um lançamento em falso dos dados e teria sido o seu corpo a ser içado da água e embrulhado numa lona.

Procurou o enfermeiro de bordo para tratar o corte, tomou banho e mudou de roupa. Sugerira a Kaela que se encontrasse com ele para jantar na cantina, depois de descansar um pouco. Conseguiu uma mesa junto a uma grande janela com vista para o convés da popa. Contemplava o rasto de espuma do navio, tentando encontrar algum sentido na escaramuça da praia quando Kaela entrou.

A repórter vestia calças de ganga e uma camisa desbotada de cambraia azul emprestada por uma oceanógrafa que devia ser mais baixa e larga. O que, noutra mulher seriam roupas práticas mas pouco atraentes, adquiria

uma sofisticação elegante sobre o físico esbelto de Kaela. Enquanto entrava pela cantina dentro, poderia estar a desfilhar numa *passerelle* em Paris, usando a última moda.

Sorriu para Austin e aproximou-se da mesa. — Há alguma coisa que cheira bem.

— Está com sorte. O cozinheiro decidiu optar por uma temática italiana. Sente-se.

Sentou-se e fechou os olhos. — Não me diga. — Inspirou os aromas provenientes da cozinha. — Entrada de salada de trufas e cogumelos em azeite seguida por um *risotto* de porco.

— Quase. — Austin aclarou a garganta. — Temos pizza. De cogumelos ou de *pepperoni* se preferir *la bella carne*.

Kaela abriu os olhos e fitou Austin. — O que aconteceu ao cozinheiro de quatro estrelas?

Austin esforçou-se por parecer angelical, mas as suas feições duras não colaboraram. — Confesso que exagerei. As minhas intenções eram inteiramente honradas. Precisava de ser animada enquanto estávamos na praia.

— E você parecia ter enfiado a cara através de uma janela fechada. Folgo em vê-lo com melhor aspecto.

— É espantoso o milagre que uma agulha, fio e compressas conseguem operar.

Kaela olhou para o balcão. — Como é a pizza?

— Quase tão boa como no *Spago's*. Sobretudo quando se tem um néctar destes para acompanhar. — Levou a mão abaixo da mesa e ergueu uma garrafa de *chianti Brunello Classico*. — Trouxe uma caixa quando parámos em Veneza.

— É cheio de surpresas, não é? — perguntou Kaela, rindo.

— Peço desculpa por o jantar não corresponder às expectativas, mas tem de admitir que a vista para o mar cumpriu a promessa.

— Perfeitamente. A vista é fabulosa. — Ergueu-se, dizendo: — Se abrir a garrafa, eu vou buscar o jantar. — Pegou num tabuleiro e caminhou até à fila de serviço. Minutos mais tarde, regressou com duas pizzas individuais e saladas *Caesar*. Austin abriu a garrafa e encheu os copos. Atacaram o jantar com avidez.

— A pizza é uma maravilha — considerou Kaela. Bebeu um gole de vinho com expressão sonhadora na face. Subitamente, olhou em redor como se tivesse perdido alguma coisa. — Sabe do Mickey e do Dundee?

— Esqueci-me de lhe dizer. Comeram qualquer coisa mais cedo e foram para a ponte captar imagens. Parece que conseguiram quebrar com charme a carapaça austera do capitão Atwood.

— É difícil de resistir ao apelo da câmara.

Austin tornou a encher os copos. — Fale-me da investigação da arca de Noé.

— É a combinação habitual de treta e factos que os *Mistérios Inacreditáveis* empacotam para os públicos televisivos. Misturam imagens de arquivo com material novo e sobrepõem uma locução dramática. Com muita música de fundo misteriosa. Costuma haver uma ponta de encobrimento governamental e algum perigo para a tripulação. Os espectadores adoram.

— Desta vez, o perigo foi real.

— É verdade — disse, em tom reflexivo. — Sinto-me mal a respeito do primo do capitão Kemal. A ideia de espreitar a antiga base de submarinos foi minha.

— Não se culpe. Não havia maneira de saber que seriam alvejados.

— De qualquer forma... alguém contactou o capitão?

— A ponte entrou em contacto com ele. Parece que o rádio já funciona. O capitão transmitiu-lhe as más notícias.

— Pobre Mehmet. Não paro de revisitar a cena na minha cabeça. A família deve sentir-se devastada. — Austin tentou desviar delicadamente a atenção de Kaela de uma situação que não poderia remediar.

— Se está à procura da arca de Noé, não seria melhor vasculhar em redor do Monte Ararat?

Kaela agradeceu a mudança de assunto. — Não particularmente. Está familiarizado com as descobertas de William Ryan e Walter Pitman?

— São geólogos da Universidade de Columbia que especularam que o Mar Negro teria sido um lago de água doce até o mediterrâneo galgar o Bósforo numa grande inundação. As pessoas que viviam nas margens terão sido forçadas a fugir para não morrer.

— Então deverá saber também que a saga da inundação, transmitida ao longo de gerações, pode ter inspirado a história de Noé e da sua arca. Isso significa que a arca navegou por estas águas. Seria uma perda de tempo trepar com as câmaras pela encosta do Monte Ararat acima. Não lhe parece?

Austin recostou-se na cadeira e fitou os olhos de âmbar escuro. Reluziam com uma inteligência bem-humorada.

— Responderei com outra questão.

— Deixe-me adivinhar. Quer saber porque alguém que pretende ser uma repórter séria acabou no equivalente televisivo de um tablóide de supermercado.

Austin acrescentou perspicácia à lista de qualidades admiráveis de Kaela. — Conheço o seu programa. No episódio que vi, tinham descoberto o *Bigfoot* no Lago Ness com uma criança resultante de um encontro amoroso com extraterrestres.

— Deve ter sido antes do meu tempo, mas percebo onde quer chegar. Os *M.I.* são o pior do lixo televisivo.

Austin estendeu as mãos. — E então?

— É uma longa história.

— Temos muito para falar. E o empregado está pronto a encher-lhe o copo tantas vezes quantas desejar.

— É a melhor oferta que tive em todo o dia. — Aninhou o queixo na mão e observou-lhe a cara. Não havia timidez nos seus grandes olhos. — Falo-lhe do meu passado se fizer o mesmo com o seu.

— Combinado.

Bebeu mais um gole de *chianti*. — Nasci em Oakland, na Califórnia. Chamaram-me Katherine, em memória da minha avó paterna, e Ella como homenagem a Ella Fitzgerald, a cantora preferida da minha mãe. O meu apelido era Doran. Encurtei tudo isso para Kaela Dorn quando vim trabalhar para a televisão. A minha mãe era professora de *ballet* num centro comunitário negro e o meu pai era um *hippie* de origem irlandesa com cabelo comprido, adepto de fumar erva e que tinha vindo até Berkeley protestar contra a Guerra do Vietname e tudo o resto.

— Isso acontecia muito nos anos sessenta.

Ela acenou com a cabeça. — O meu pai pôs de lado as missangas e os tambores e agora dá aulas de História Contemporânea Americana em Berkeley, tendo-se especializado nos movimentos de protesto das décadas de sessenta e setenta. Mantém a barba, mas está mais grisalha.

— Acontece aos melhores — disse Austin, apontando o cabelo prematuramente embranquecido.

— Era uma rebelde em miúda. Por culpa do meu pai. Um dia, a minha mãe aproximou-se da esquina em que passava o tempo com um bando e arrastou-me consigo para as aulas de *ballet* onde podia manter-me debaixo de olho. Troquei a roupa com as cores do meu bando por um tutu. Não era má bailarina.

A mulher sentada à frente de Austin parecia ter sido feita para dançar. — Teria ficado surpreendido se fosse menos graciosa do que a Pavlova.

— Obrigada — disse. — Era aceitável, mas andar em pontas no *Quebra-Nozes* não satisfazia o meu desejo de aventura. Também por culpa do meu pai. Deambulou por Cartum e Nova Deli antes de se dirigir para oeste para nos tirar do Vietname sozinho. Frequentei Berkeley e estudei Literatura Inglesa. A seguir, fui aceite como estagiária numa estação televisiva local que queria preencher as quotas de contratação de minorias. Fartei-me de ler notícias sobre acidentes de viação de um teleponto. Quando soube da vaga nos *Mistérios Inacreditáveis*, aproveitei a oportunidade de viajar para sítios exóticos e remotos, recebendo bom dinheiro para o fazer. Pronto. É o

meu passado. E o seu? Como acabou a salvar donzelas em apuros e os seus amigos?

Austin deu-lhe uma versão condensada da sua biografia, omitindo o serviço prestado na CIA, exagerando um facto aqui e ali para fazer com que os pormenores encaixassem. Kaela ouviu atentamente e, se detectou algum esforço para embelezar a verdade, não o deu a entender.

— Não me surpreende que goste de barcos velozes ou que colecione pistolas de duelo antigas e nem mesmo que ouça *jazz* vanguardista. Mas não esperava ouvi-lo dizer que estuda filosofia.

— Não sei se “estudar” será a palavra mais adequada. Gosto de dizer que li alguns livros sobre o assunto. — Fez uma pausa, pensando no assunto e, a seguir, disse: — “É impossível conceber algo tão estranho e pouco plausível que não tenha já sido dito por algum filósofo.” René Descartes.

— E isso quer dizer?

— Vejo muitas coisas e pessoas estranhas no meu ramo de actividades. Conforta-me saber que, no que diz respeito à filosofia, não há nada de novo sob o sol. Ganância, avareza, maldade. E, por oposição, a bondade, a generosidade, o amor... Platão disse que... — Austin tomou consciência do olhar de Kaela. — Desculpe. Pareço um professor.

— Nunca conheci um professor que mergulhe dos céus para uma batalha solitária contra um bando de facínoras. — Olhou-o nos olhos. — Explique-me em que consiste ao certo a sua Equipa de Missões Especiais. Alguém ma referiu antes de vir.

— É tudo perfeitamente claro. Somos quatro, cada um com uma área de especialização. Joe Zavala é um engenheiro naval que concebe muitos dos nossos veículos. O ultraleve que pilotei é uma das suas criações. Consegue pilotar qualquer coisa sobre ou debaixo do mar. Paul Trout é geólogo oceânico com credenciais do Instituto Oceanográfico de Woods Hole e do Instituto Scripps. A sua esposa, Gamay, é mergulhadora e bióloga marinha com experiência em arqueologia subaquática.

— Impressionante. Mas ainda não me disse o que fazem.

— Depende. Geralmente, levamos a cabo missões submarinas que ultrapassam a rotina. — Austin optou por não referir que essas missões decorriam frequentemente em segredo e longe do controlo governamental.

Kaela estalou os dedos. — Claro! Agora me lembro. O túmulo de Cristóvão Colombo no Iucatão. Estiveram envolvidos na descoberta.

— Parcialmente. Foi um projecto da NUMA.

— Fascinante — considerou Kaela. — Gostava de fazer uma reportagem sobre a vossa equipa.

— O Departamento de Relações Públicas da NUMA adoraria. A publicidade positiva é muito útil quando submetemos o nosso orçamento

ao Congresso. Ligue-lhes quando voltar. Terei todo o prazer em ajudar.

— Obrigada. Isso seria óptimo.

— Agora permita-me que lhe coloque uma questão. O que pretende fazer com as imagens que a sua equipa captou na Rússia?

— Não tenho a certeza — respondeu com o sobrolho franzido. — Não temos muito, além do cadáver de um tipo vestido como porteiro de um clube nocturno russo. — Riu-se. — Não que a falta de factos alguma vez tenha desencorajado os *Mistérios Inacreditáveis* de fabricar uma história.

— Talvez fosse um daqueles extraterrestres que estão sempre a localizar — sugeriu Austin.

— Não com aquela espada. — Kaela estremeceu ao recordar. — A sério, Kurt, o que lhe parece tudo isto? Quem eram aqueles tipos e porque se preocupavam tanto em defender uma base de submarinos abandonada desde o fim da Guerra Fria?

Austin abanou a cabeça. — Não consigo responder a essas perguntas.

— Mas deve ter pensado no assunto.

— Claro que sim. Não preciso de ser o Sherlock Holmes para concluir que havia lá qualquer coisa que não queriam que vissemos. Mas não faço ideia do que poderia ser.

— Há uma forma de descobrir — disse Kaela. — Voltar e dar uma vista de olhos.

— Não me parece que isso fosse sensato. — Austin contou os motivos pelos dedos. — Podemos rir-nos de um bando de tipos que pareciam saídos do palco da ópera *Boris Godunov*, mas só estamos vivos por sorte. Em segundo lugar, porque não têm vistos russos, teriam de entrar no país de forma ilegal. Em terceiro lugar, não têm forma de lá chegar.

Kaela imitou-o e usou também os dedos para contar. — Aprecio a sua preocupação, mas, em primeiro lugar, estaríamos mais preparados e sairíamos de lá ao primeiro indício de perigo. Em segundo, a falta de um visto não o impediu a si de aterrar em território russo. E, em terceiro, se não conseguir convencer o capitão Kemal a regressar, estou certa de que outros pescadores estarão dispostos a ganhar num par de dias o que, de outra forma, só conseguiriam com um ano de trabalho.

Austin entrelaçou os dedos atrás da nuca. — Não é fácil desencorajá-la.

— Não pretendo ficar para sempre nos *Mistérios Inacreditáveis*. Uma história destas poderia garantir-me a passagem para uma das grandes cadeias televisivas.

— Lá se vai o meu incrível poder de persuasão — exclamou Austin. — Já que parece ter-se decidido, talvez consiga convencê-la a acompanhar-me num passeio nocturno por Istambul. O Palácio Topkapi é imperdível e

há lojas fantásticas à volta da Mesquita Sulemaniye onde poderá comprar prendas para a família. Podemos encerrar a noite com um jantar a bordo de um dos barcos Lufer.

— Outro cozinheiro de quatro estrelas?

— Nem por isso. Mas a paisagem é especial.

— Estou no Hotel Marmara na Praça Taksim.

— Sei onde fica. Que tal às sete do dia em que ancorarmos?

— Ficarei à espera.

Austin quase não viu Kaela durante o resto da viagem. Estava ocupada com os seus dois colegas entrevistando o capitão e a tripulação ou trabalhando na reportagem sobre a arca de Noé. Contactou o quartel-general da NUMA e relatou o incidente russo, passando o resto do tempo a tentar reconstruir o *Albatroz*. O *Argo* avançou a bom ritmo e não tardou a passar pelas aldeias e velhos fortes ao longo do Bósforo.

As duas horas que durou a passagem através do Bósforo não foram aborrecidas. O braço de água com vinte e sete quilómetros é considerado o estreito mais perigoso do mundo. O capitão Atwood fez o *Argo* contornar cargueiros, *ferry-boats* e paquetes, fazendo as doze mudanças de rota necessárias ao último trecho da viagem. A corrente forte do Mar Negro para o Mar de Marmara tornava a vida ainda mais interessante. Os que seguiam a bordo soltaram um suspiro de alívio conjunto quando o navio de pesquisa passou os terminais de *ferry-boats* e as docas dos navios de cruzeiro para atracar num cais perto da Ponte Galata.

Do navio, Austin viu a equipa televisiva enfiar o equipamento num táxi. Kaela acenou-lhe e o táxi afastou-se. Caminhou ao longo do convés, absorvendo a vista da ponte que guardava a boca do Corno Dourado e o enorme Palácio Topkapi, construído para o sultão Mehmet II no século XV. À distância, conseguia ver os minaretes de Hagia Sofia e a Mesquita Azul.

Regressou à sua cabina e adiantou a papelada, tomando banho e trocando os calções e a camisola por calças casuais e por uma camisola de algodão leve. Perto da hora do jantar, percorreu a rampa do portaló e dirigiu-se à rua para procurar um táxi, que não tardou a parar junto a si. Era um velho *Chevrolet* da década de cinquenta. Havia já outros passageiros no interior, o que o identificava como sendo um *dolmus* (“apinhado” em turco). Ao contrário dos táxis comuns, aqueles podiam recolher tantos passageiros quantos coubessem.

Austin entrou para o banco de trás, entre os dois outros passageiros que se encolheram para lhe dar espaço. Um homem pesado ocupava um assento dobrável e um outro passageiro ia à frente, junto ao taxímetro. Austin disse ao condutor para o levar à Praça Taksim. Visitara Istambul por

diversas vezes ao serviço da NUMA e conhecia relativamente bem a cidade. Quando o táxi começou a fazer um desvio, Austin pensou que fosse simplesmente para levar os outros passageiros aos seus destinos. Mas ninguém saiu. Começaram a afastar-se da Praça Taksim e, suspeitando que o condutor tentava aumentar o lucro, Austin inclinou-se para a frente e perguntou-lhe para onde ia.

O condutor olhou silenciosamente em frente, mas o homem no banco a seu lado voltou-se. Tinha uma cara ampla e embrutecida que nem uma mãe conseguiria amar. Os olhos de Austin mantiveram-se sobre as feições do passageiro durante apenas um segundo antes de baixarem para a arma que o homem segurava.

— Silêncio! — rosnou.

Os homens que o ladeavam puxaram-no para trás pelos ombros. Uma faca de lâmina longa foi-lhe apontada ao olho direito. O táxi acelerou a uma velocidade arrepiante, afastou-se da corrente do trânsito e mergulhou num labirinto escuro de estreitas ruas empedradas.

Afastaram-se da marginal, contornando Karakoy e os esquadrões de polícia que patrulhavam o bairro da luz vermelha. Austin olhou com melancolia as luzes dos restaurantes no cimo da Torre Galata. A seguir, o táxi percorria a Istiklal Caddesi, abrindo caminho por entre os aglomerados de carros, passando os clubes nocturnos, os cinemas e os bordéis não regulamentados que ladeavam a pitoresca avenida. Afastou-se do centro e subiu uma colina em direcção a Bozoglu, onde se situavam as velhas embaixadas europeias durante o Império Otomano, descrevendo uma série de curvas apertadas.

O carro mantinha-se direito, apesar dos protestos dos pneus, fazendo Austin perceber que o condutor era um profissional que conhecia os limites do seu veículo. Não houvera qualquer tentativa para o vender e pensou se isso significaria que lhe fora atribuído um bilhete de ida para o esquecimento. Enquanto o carro continuava a virar à esquerda e à direita pelo emaranhado urbano, concluiu que a venda não seria necessária. Não fazia ideia de onde estava.

O facto de não o terem matado não foi grande consolo. Sabia por instinto que aqueles homens não hesitariam em usar as armas que lhe haviam brandido junto à cara. Após vários minutos, durante os quais as luzes da cidade se reduziram a um brilho vago, o carro percorreu uma rua escura e cheia de lixo, alcançando um beco não muito mais largo do que o veículo. Os companheiros de Austin empurraram-no para fora do táxi e encostaram-no a uma parede de tijolos, prendendo-lhe as mãos atrás das costas com adesivo. A seguir, empurraram-no através de uma porta, fazendo-o percorrer um corredor mal iluminado até alcançar o átrio de um edifício de

escritórios. O chão de mármore estava imundo. Numa parede, havia uma placa de latão com a planta dos andares que a passagem do tempo escurecera. O cheiro a cebola e o choro abafado de um bebê indicavam que o edifício de escritórios era usado para habitação. Talvez fossem ocupantes ilegais, pensou Austin.

A sua escolta fê-lo avançar até um elevador e manteve-se atrás dele. Eram homens encorpados, tão ou mais do que Austin e este nunca se considerara propriamente um pigmeu. O espaço era apertado e Austin tinha a cara pressionada contra o ferro forjado da porta ornamental. Calculou que o elevador datasse do tempo dos sultões. Tentou não pensar nos frágeis e negligenciados cabos enquanto o elevador subia de forma insegura e ruidosa até ao terceiro e último piso. Fora uma viagem mais perturbadora do que a do táxi em alta velocidade. Quando o elevador parou com um estalido, um dos seus acompanhantes rosnou-lhe ao ouvido:

— Fora!

Saiu para um corredor escuro. Um dos homens segurou-lhe a parte de trás da camisa e usou-a para o empurrar em frente e para o fazer parar de forma abrupta. Abriu-se uma porta e foi levado para dentro. Cheirava a papel velho e a óleo de máquinas empresariais de outra era. Sentiu pressão nos ombros e uma cadeira bateu-lhe contra a parte traseira dos joelhos. Sentou-se e estreitou os olhos, esforçando-se por ver na escuridão. Um candeeiro foi ligado e Austin viu manchas coloridas quando o clarão o atingiu na face. Pestanejou como um suspeito acusado de homicídio qualificado num velho filme policial.

Ouviu-se uma voz falando em inglês por trás da luz.

— Bem-vindo, Sr. Austin. Obrigado por ter comparecido.

Alguma coisa na voz lhe parecia familiar, mas não conseguia perceber o quê.

— Não consegui resistir ao convite.

Ouviu-se uma gargalhada seca na escuridão. — Os anos não o fizeram mudar, pois não?

— Eu conheço-o? — Uma memória despertou no fundo da mente de Austin, como um gato passando suavemente as garras pela porta.

— Magoa-me que não se recorde de mim. Queria agradecer-lhe pessoalmente o lindo ramo de flores que me enviou para acelerar a minha convalescença. Creio que assinou o cartão como Zé Ninguém.

Austin não conteve o espanto. — Raios me partam! — exclamou, com uma curiosa mistura de encanto e temor. — Ivan!

9

A LUZ INTENSA APAGOU-SE E FOI LIGADO UM CANDEEIRO DE SECRETÁRIA, iluminando a face de um homem na casa dos quarenta. Tinha uma testa larga e maçãs do rosto elevadas e teria sido bem-parecido se não fosse a enorme cicatriz na face direita.

— Não se alarme, Sr. Austin — disse Petrov. — Não sou o Fantasma da Ópera.

A memória de Austin recuou até ao Mar de Barents, quinze anos antes. Recordava as águas gélidas infiltrando-se no fato de mergulho aquecido enquanto activava o contador dos noventa quilos de explosivos. Era um milagre o russo continuar vivo.

— Perdoe a armadilha, Ivan. Não pode queixar-se de não o ter avisado para manter a distância.

— Não é necessário pedir desculpa. Foi apenas um infortúnio de guerra. — Fez uma pausa e disse: — Questionei-me durante muito tempo. Imagine que as nossas posições se invertiam. Teria dado ouvidos a um aviso meu?

Após reflectir por um momento, Austin respondeu: — Podia ter presumido, como fez, que o aviso era uma manobra de diversão. Gostava de poder afirmar com segurança que a precaução teria levado a melhor sobre a coragem, mas não posso. Foi há muito tempo atrás.

— Sim. Foi há muito tempo atrás. — Os lábios de Petrov esboçaram um sorriso triste. — Obviamente, a precaução não levou a melhor sobre a minha impaciência juvenil. Era impetuoso nesse tempo. Não se preocupe. Não lhe tenho qualquer inimizade pelos resultados da minha própria leviandade. Como disse, *c'est la guerre*. De certa forma, está tão desfigurado como eu, mas as cicatrizes que lhe cobrem o coração não são visíveis. A guerra endureceu-nos aos dois.

— Lembro-me de ouvir dizer que a Guerra Fria tinha acabado. Tenho uma sugestão. Porque não pede aos seus amigos para nos darem uma boleia até ao bar do Hotel Palace? Podemos conversar sobre os velhos tempos enquanto bebemos um copo.

— A seu tempo, Sr. Austin. A seu tempo. Temos um assunto de grande importância a discutir. — A voz de Petrov assumiu um tom negocial e os seus olhos cravaram-se sobre a face de Austin. — Gostaria de saber o que fazia numa base soviética de submarinos abandonada no Mar Negro.

— Parece-me que fui ingénuo ao pensar que a nossa breve visita passaria despercebida.

— De modo algum. É um trecho desolado da costa. Em circunstâncias normais, poderia ter desembarcado uma divisão de fuzileiros sem ser detectado. Mantivemos a área sob vigilância durante meses, mas fomos apanhados de surpresa. Sabemos graças a comunicações via rádio interceptadas que aterrou algum tipo de aeronave e que o navio da NUMA se aproximou para o recolher. Diga-me, por favor, o que fazia em território russo. Leve o seu tempo. Não tenho pressa.

— Terei todo o prazer em informá-lo — Austin agitou-se sobre a cadeira. — Mas poderia ajudar-me a refrescar a memória não estar sentado sobre os pulsos. Que tal afrouxar o adesivo?

Petrov pensou durante um momento e acenou afirmativamente.

— Considero-o um homem perigoso, Sr. Austin. Por favor, não tente nada menos sensato.

Petrov deu uma ordem breve em russo. Alguém se aproximou por trás. Austin sentiu uma lâmina fria contra os pulsos e o adesivo foi cortado com um único golpe.

— Agora a sua história, Sr. Austin.

Austin massajou os braços, procurando reactivar a circulação. — Estava a bordo do *Argo*, um navio de pesquisa da NUMA, levando a cabo um estudo da acção das ondas no Mar Negro. Uma equipa televisiva americana constituída por três elementos deveria encontrar-se com o navio, mas ouviram falar da velha base de submarinos antes de partirem de Istambul e decidiram investigar sem nos avisarem da mudança de planos. Estavam atrasados e fui à sua procura. Um grupo de homens na costa assassinou um pescador turco que os trazia para terra e tentou matá-los também a eles.

— Fale-me dos assassinos.

— Eram cerca de uma dúzia, montados a cavalo e envergando uniformes cossacos. Traziam grandes espadas e espingardas antigas. Muito antigas.

— O que se passou a seguir?

Austin narrou pormenorizadamente a luta. Petrov ouviu, permane-

cendo impassível, apesar de, pela sua experiência com os atributos de Austin, não se surpreender com o desfecho da batalha.

— Um ultraleve — disse Petrov, rindo-se. — Usar a pistola de sinalização foi uma tática engenhosa.

Austin encolheu os ombros. — Tive sorte. Usavam armas antiquadas. De outra forma, a minha história não teria tido um final feliz.

— Não podia saber do ar que usavam espingardas antigas. Presumo que tenha aterrado.

— De certa forma, sim. Antigas ou não, as espingardas transformaram as asas do meu avião numa peneira. Despenhei-me na praia.

— O que viu além das armas? Não poupe nenhum detalhe, por favor.

— Encontrámos o corpo de um dos atacantes por trás de uma duna.

— Estava vestido como os outros?

— Exactamente. Chapéu de pêlo, calças largas. Encontrei isto. — Levou a mão ao bolso e retirou o emblema que arrancara ao chapéu do cosaco morto.

Petrov estudou-o sem alterar a sua expressão e passou-o a um dos homens. — Continue — disse.

— Após confirmar que a equipa televisiva estava bem, contactei o navio. Resgataram-nos e partimos logo que possível.

— Não encontrámos vestígios de um corpo ou de armas — disse Petrov.

— Não sei o que aconteceu ao corpo. Talvez os amigos o tenham vindo resgatar, aproveitando para apagar vestígios. Levámos as armas connosco.

— Isso é roubo, Sr. Austin.

— Prefiro chamar-lhe despojos de guerra.

Petrov retirou importância à resposta de Austin com um gesto da mão. — Não importa. E essa equipa televisiva? Filmaram o que aconteceu?

— Estavam demasiado ocupados a fugir. Filmaram o corpo, mas, sem uma explicação, duvido que possam fazer muito com as imagens.

— Para o bem deles, espero que esteja certo.

— Permita-me que lhe faça uma pergunta, Ivan.

— Sou eu quem faz as perguntas.

— Bem sei, mas é o mínimo que pode fazer para pagar as bonitas flores que lhe enviei.

— Já paguei o seu simpático gesto com um meu. Não o matei. Mas faça favor. Permitirei uma pergunta.

— Que raio se passa aqui?

Notou-se um ligeiro sorriso ao canto dos lábios de Ivan e pegou no maço de cigarros à sua frente. Extraindo um com grande cuidado, colocou-o entre os lábios, acendendo a extremidade e expelindo o fumo pelas

narinas. O cheiro a tabaco forte preencheu o gabinete e sobrepôs-se ao aroma a bolor.

— O que conhece da situação política actual na Rússia?

— O que leio nos jornais. Não é segredo que o seu país tem grandes problemas. A economia está periclitante, o crime organizado e a corrupção são piores do que na Chicago de Capone, os militares são mal pagos e estão descontentes, o sistema de saúde é caótico e têm movimentos independentistas e guerras civis a rondar-vos as fronteiras. Mas possuem uma força laboral instruída e enérgica e recursos naturais abundantes. Se pararem de dar tiros no pé, é possível que se safem, mas levará tempo.

— Um resumo razoavelmente fiel de um cenário complicado. Normalmente, dar-lhe-ia razão quando diz que conseguiremos ultrapassar as dificuldades. O nosso povo está habituado à adversidade. Aliás, poderemos dizer que é a adversidade que está por trás dos nossos sucessos. Mas há forças em movimento que são muito mais poderosas do que qualquer coisa que tenha referido.

— Que tipo de forças?

— O pior tipo possível. Paixões humanas elevadas a um nacionalismo exacerbado pelos ventos do cinismo, do desespero e da falta de esperança.

— Já tiveram movimentos nacionalistas antes.

— É verdade, mas conseguimos marginalizá-los, chantagear os líderes ou demonizá-los como excêntricos antes que pudessem consolidar a sua causa e fazer com que outros aderissem a ela. Isto é diferente. O novo movimento brotou das estepes do Sul da Rússia junto à costa do Mar Negro, onde vivem os novos cossacos.

— Cossacos? Como os que encontrei?

— Precisamente. Os cossacos eram originalmente fora-da-lei, fugitivos e nómadas que chegaram ao Sul da Rússia e à Ucrânia, onde formaram uma federação informal. Eram conhecidos pela sua destreza a cavalo, um talento que ajudou Pedro, o Grande a derrotar os turcos otomanos. Com o tempo, evoluíram para uma classe militar. Serviam o czar como unidade de cavalaria de elite e eram usados para aterrorizar revolucionários, grevistas e grupos minoritários.

— Depois veio a revolução bolchevique, o czar foi deposto e os cossacos acabaram a guiar táxis em Paris — referiu Austin.

— Nem todos tiveram essa sorte. Alguns aliaram-se aos bolcheviques, outros tornaram-se defensores empedernidos do que restava da Rússia imperial, mesmo depois do assassinato do czar e da família. Estaline tentou neutralizá-los ou eliminá-los, mas apenas o conseguiu em parte. Até aos nossos dias, os cossacos mantêm-se como uma casta guerreira cujos membros acreditam representar as glórias de uma Mãe Rússia pura. Há uma

palavra para isto. *Kazachestvo*. Cossaquismo. A convicção de que foram escolhidos por um poder superior para dominar raças inferiores.

Austin começava a sentir-se inquieto. — Os cossacos não são os primeiros a pensarem ter sido escolhidos para endireitar o mundo. A história está cheia de grupos que vieram e partiram, deixando atrás de si uma enorme pilha de cadáveres.

— É verdade. A diferença é que esses grupos são capítulos num livro de história, enquanto que os cossacos e a sua fé cega estão bem vivos. — Inclinou-se para a frente sobre a secretária e fitou Austin. — A Rússia tornou-se um sítio violento e a violência é a essência do cossaco. Tem havido uma grande revitalização do *Kazachestvo*. Os novos cossacos tomaram partes do território russo em redor do Mar Negro. Ignoram o governo de Moscovo, sabendo que é fraco e impotente. Constituíram exércitos privados e venderam-se como mercenários. A sua audácia conquistou a lealdade de muitos russos que se cansaram do capitalismo e da liberdade. Muitos há no parlamento e nas ruas que anseiam por um nacionalismo reaccionário capaz de restaurar as glórias da Rússia. Há unidades puras de cossacos no exército russo com fardas e patentes próprias. Declararam uma Nova Rússia em redor do Mar Negro e expandem-se para outras áreas, totalizando já sete milhões de pessoas. A insígnia que encontrou é o emblema do seu movimento. Representa o sol de uma nova aurora para a Rússia.

— Continuam a ser uma minoria, Ivan. Qual a quantidade de estragos que poderão fazer?

— Os bolcheviques também eram uma minoria, mas sabiam o que residia no coração russo, sabiam que os soldados estavam cansados da guerra e que os camponeses queriam terra.

— Os bolcheviques tinham Lenine.

— Obrigado por me dar razão — disse Petrov com um sorriso desprovido de humor. — Absolutamente correcto. A revolução não teria sido nada sem um líder determinado e implacável que unificasse o país e esmagasse os seus opositores. — O sorriso desapareceu. — Os cossacos têm um líder semelhante. Chama-se Mikhail Razov. É um magnata da navegação e das minas imensamente rico que detém um cartel chamado *Indústrias Ataman*. Dedicou-se à ressurreição da Grande Rússia. Subscrive os ideais cossacos de masculinidade e força bruta. Tem dito que a melhor forma de anular a corrupção será com uma metralhadora. É completamente paranóico e acredita que o resto do mundo tenta destruí-lo.

— O dinheiro e o poder são uma combinação potente.

— Vai muito além disso. — Petrov acendeu outro cigarro. Austin surpreendeu-se por ver que a mão que segurava o fósforo tremia. — É aconselhado por um monge chamado Boris, um homem de grande magnetismo

animal e com reputação de profeta. Exerce uma influência malévola sobre Razov, encorajando-o na sua pretensão de ser um descendente legítimo do czar, com linhagem traçada até Pedro, o Grande.

— Pensava que o czar Nicolau era o último da linhagem dos Romanov.

— Existiram sempre dúvidas.

— Mesmo assim. Posso dizer que sou o rei de Espanha, mas isso não me fará sentar no trono.

— Razov diz ter provas.

— ADN?

— Duvido que autorize alguém a recolher uma amostra de sangue.

— Pode haver aí alguma coisa — concedeu Austin. — Tem um movimento, um líder carismático guiado por um profeta messiânico e uma linha hereditária. Concordo que parece uma receita potente para a revolução.

Petrov acenou com a cabeça de forma solene. — Não é uma possibilidade. A Rússia está no limiar de um renascimento dos novos cossacos que varrerá todo o país, destruindo todos os sucessos que alcançámos. O czar e a família já foram canonizados graças à ala direita do país. E Razov está decidido a assumir o seu manto sagrado. — Sorriu. — Quantos políticos podem dizer descender de um santo?

— A maior parte afirma a sua santidade. Mas percebo onde quer chegar. Qual é o seu papel nisto, Ivan? Faz parte do KGB?

— O KGB foi infiltrado por elementos ligados a Razov. Lidero um pequeno grupo interno cuja função é manter sob vigilância aqueles que ameçam a estabilidade da Rússia. Respondemos directamente ao presidente. Mas apenas lhe contei parte da história. Também o envolve a si, Sr. Austin. Razov considera os Estados Unidos como sendo a cabeça de uma sinistra conspiração mundial que é a principal responsável pelos males da Rússia. Acredita que a América usa deliberadamente o seu poder no mundo para manter a Rússia pobre e atrasada. Muitos no parlamento partilham a sua opinião.

— A América tem uma longa lista de inimigos. É uma consequência do estatuto de única superpotência.

— Então, acrescente o nome de Razov à lista. Mas não é apenas uma questão política. Também tem motivos pessoais. A sua noiva morreu acidentalmente no bombardeamento americano de Belgrado há vários anos atrás. Pelo que sei, Irini era belíssima e ele nunca conseguiu aceitar a sua perda. Por isso, aconselho-o a levá-lo muito a sério. Sobretudo porque existem sinais de que pretende causar grande mal ao seu país.

— De que forma?

Petrov estendeu as mãos. — Não sabemos. Sabemos apenas que deu um nome ao seu plano: Operação *Troika*.

— Então desperdiçou o seu tempo e o meu. Devia recorrer aos canais diplomáticos para informar as instâncias superiores do governo americano.

— Já o fizemos. Informámo-los de que seria aconselhável não avançar de forma clara.

— Não consigo imaginar a Casa Branca e o Pentágono a ignorarem uma possível ameaça como esta. Não agora. Aprenderam da pior forma a levar as ameaças a sério.

— Sim. Não estão satisfeitos com a nossa postura. Dissemos-lhes que, se reagirem de forma menos eficaz, destruirão os nossos esforços e assegurarão que a ameaça, qualquer que seja, será concretizada.

— Qual é a ligação entre a ameaça e a base de submarinos?

— Tire a sua própria conclusão. A base foi construída para albergar submarinos armados com mísseis de médio curso que navegavam pelo Mar Negro, sobretudo para intimidar os líderes turcos que haviam permitido o estabelecimento de bases americanas. Foi abandonada com a queda da União Soviética e assim permaneceu durante anos. Depois, Razov alugou as instalações ao governo. Os seus navios foram vistos a ir e voltar do local. Os cossacos que encontrou estão acampados por perto como guardas.

— Qual o motivo das roupas bizarras e das armas antigas?

— Tem alguma coisa a ver com o simbolismo da causa. Razov opta por equipar os seus homens como se ainda fossem a cavalaria do czar. Mas não o subestime. Conseguiu acumular muitas armas modernas da antiga União Soviética.

— Porque não avançaram sobre eles?

— Passámos o tempo todo à espera e a observar. A seguir, você decidiu intrometer-se.

— Lamento ter-vos estragado a vigia. Havia alguém a ser atacado e a precisar de ajuda.

— Pensamos que pretende agir contra os Estados Unidos antes de tomar o poder.

— Posso ajudá-lo a descobrir aquilo que planeia.

Petrov abanou a cabeça com vigor. — Não precisamos de *cowboys* americanos a avançar com tiros de revólver para o ar.

— Nem eu. Agora trabalho para a NUMA como cientista.

— Não está a ser honesto. Tem reputação de desprezear as regras. Conheço a sua Equipa de Missões Especiais. Tenho no meu gabinete relatos da imprensa sobre o papel da equipa da NUMA na conspiração do *Andrea Dória* e na tentativa de dominar os recursos de água doce do mundo.

— Gostamos de nos manter ocupados nos tempos livres.

— Então ocupem-se com a ciência marinha.

Austin cruzou os braços sobre o peito. — Deixe-me ver se compreen-

di correctamente. Quer que contemos peixes enquanto o seu louco lança sabe-se lá que horrores sobre o nosso país.

— Temos todas as intenções de travar Razov antes de conseguir fazê-lo. A sua interferência pode ter já destruído qualquer hipótese que tivéssemos de contê-lo. Se não se mantiver fora disto, considerá-lo-ei um inimigo do povo russo e agirei em conformidade.

— Obrigado pelo conselho — Austin olhou para o relógio. — Detesto ter de interromper a nossa reunião, mas estou atrasado para um jantar com uma jovem fascinante. Por isso, se chegou ao fim...

— Sim, cheguei ao fim. — Petrov bradou uma ordem em russo. Os homens que guardavam Austin fizeram-no levantar-se e tentaram empurrá-lo para a porta. Este manteve-se firme e disse: — Foi bom voltar a encontrá-lo, Ivan. Desculpe os encontros anteriores.

— O passado já lá vai. É o futuro que nos deveria preocupar aos dois. — Ergueu a mão até à cicatriz. — Sabe, Sr. Austin... Ensinou-me uma lição muito valiosa.

— Qual foi?

— Ensinou-me a conhecer os meus inimigos.

Austin foi empurrado ao longo do corredor escuro até ao elevador instável. Minutos mais tarde, estava no táxi. O condutor manteve o carro ligeiramente abaixo da velocidade supersónica. Não tardaram a alcançar o ponto exacto em que fora raptado.

— Fora — disse o condutor.

Austin obedeceu com vontade. Teve de saltar para trás de forma a evitar que os dedos dos pés lhe fossem esmagados quando o carro se afastou, fazendo guinchar os pneus. Viu as luzes traseiras desaparecer ao virar de uma esquina e regressou para junto do *Argo*. De volta ao navio, ligou para o hotel onde se hospedava Kaela. Quando esta não atendeu o telefone do quarto, perguntou ao recepcionista se deixara uma mensagem.

— Sim, senhor. Há uma mensagem da Sra. Dorn — disse.

— Pode ler-me, por favor?

— Com certeza. Diz: “Esperei durante uma hora. Deve ter surgido alguma coisa mais importante. Fui jantar com os rapazes. Kaela.”

Austin franziu o sobrolho. A mensagem não referia a possibilidade de novo encontro noutra altura. Teria de remediar a situação de manhã. Até lá, saiu para o convés do *Argo* e caminhou da popa à proa, tentando recordar todos os pormenores do diálogo com Ivan. Enquanto andava, os seus lábios contraíram-se de forma determinada. Não iria ignorar uma ameaça ao seu país. A melhor forma de levar Austin a fazer algo era dizer-lhe que não podia fazê-lo. Regressou à sua cabina e marcou um número no telemóvel.

A oito mil quilómetros de distância, José “Joe” Zavala ergueu o telemóvel vibrante do suporte no tablier do seu *Corvette* descapotável de 1961 e respondeu com um “está lá” jovial. Tinha pensado em como tudo ia bem no mundo. Era jovem, rico e envolvido num projecto pouco exigente que lhe deixava muito tempo livre. A seu lado, seguia uma bela e loura analista de dados estatísticos do Departamento de Comércio. Percorriam uma estrada campestre em MacLean, na Virgínia, a caminho de um jantar à luz de velas numa velha e romântica estalagem. O ar quente despenteava-lhe suavemente o cabelo negro espesso. Depois do jantar, regressariam ao edifício da antiga biblioteca distrital em Arlington, onde vivia, para tomar um copo nocturno. E a seguir. . . As possibilidades eram infinitas. Poderia ser o início de um relacionamento longo, apesar de “longo” ser um termo relativo no mundo de Zavala.

Quando ouviu a voz do amigo e colega, Zavala reagiu com entusiasmo. Esboçou um ligeiro sorriso. — *Buena sera*, Kurt, velho amigo. Como correm as férias?

— Acabaram. E as tuas também, por mais que me custe admiti-lo.

O sorriso de Zavala desvaneceu-se e foi substituído por uma expressão de pesar nas suas feições morenas e vistosas enquanto Austin expunha os seus planos para o futuro próximo. Com um sorriso profundo, pousou o telefone, olhou com melancolia para os olhos azuis sonhadores e meigos da sua acompanhante e disse: — Receio ter más notícias. A minha avó acaba de morrer.

Enquanto Zavala tentava acalmar o desapontamento da acompanhante com uma lista improvisada de promessas mirabolantes, o vulto de dois metros de altura de Paul Trout curvava-se como um louva-a-deus sobre um balcão de laboratório do Instituto Oceanográfico de Woods Hole no Massachusetts, examinando amostras de lama das profundezas do Oceano Atlântico. Apesar de o trabalho ter grande potencial para a imundície, a sua bata branca estava imaculada. Usava um dos laços que eram a sua imagem de marca e o cabelo castanho-claro estava dividido ao meio e penteado para trás junto às têmporas.

Trout crescera em Woods Hole, onde o seu pai era um dos inúmeros pescadores de Cape Cod, regressando às origens sempre que podia. Fizera amizade com muitos dos cientistas da instituição de renome mundial e era frequente auxiliá-los com os seus conhecimentos como geólogo marinho.

A concentração intensa de Trout foi quebrada ao ouvir o seu nome ser chamado. Mantendo a cabeça curvada sobre a amostra, espreitou para cima e viu uma bata à sua frente.

— Uma chamada para si, Dr. Trout — disse a bata, passando-lhe um

telefone. A mente de Trout ainda estava no fundo oceânico e, quando ouviu a voz de Austin, presumiu que o líder da Equipa de Missões Especiais estivesse na sede da NUMA.

— Kurt, já de volta a casa?

— Estou a ligar de Istambul, onde tu também estarás dentro de vinte e quatro horas. Tenho trabalho para ti no Mar Negro.

Trout pestanejou os olhos cor de avelã. — Istambul. No Mar Negro? — A sua reacção foi diametralmente oposta à de Zavala. — Sempre quis trabalhar aí. Os meus colegas ficarão verdes de inveja.

— Quando podes partir?

— Estou enterrado em lama até às orelhas, mas posso partir imediatamente para Washington.

Houve um momento de silêncio do outro lado da linha enquanto Austin visualizava Trout num tanque cheio de lama. Estava habituado às suas excentricidades ianques e decidiu que, pura e simplesmente, não lhe interessava conhecer os pormenores. Limitou-se a dizer: — Podes transmitir a mensagem à Gamay?

— Pescaria certa, capitão — respondeu Trout, usando uma expressão piscatória que falava por si. — Vemo-nos amanhã.

Seis metros abaixo da superfície do mar a este de Marathon, nas ilhas Florida Keys, a mulher de Trout, Gamay, cravava a faca de mergulho num grande e retorcido coral esférico. Quebrou um pequeno fragmento e guardou-o num saco de rede pendurado do cinto de chumbos. Gamay dedicara parte das suas férias do trabalho de bióloga marinha a um grupo ecologista que estudava a deterioração do crescimento de corais nas Keys. As notícias não eram boas. O coral estava pior do que no ano anterior. Os novos crescimentos que não tinham sido destruídos pelas correntes venenosas do Sul da Florida, estavam castanhos e descolorados, muito diferentes das cores vibrantes dos corais saudáveis das Caraíbas e do Mar Vermelho.

Sentiu os ouvidos inundados por um som agudo e áspero. Alguém lhe fazia sinal da superfície. Embainhando a faca, aumentou a entrada de ar no seu compensador de flutuação e, com alguns movimentos de barbatanas, o corpo delgado ergueu-se dos corais. Emergiu perto do barco alugado e o sol intenso da Florida fê-la pestanejar. O capitão do barco, um velho lobo-do-mar chamado Bud, em homenagem à sua cerveja preferida, segurava um martelo de cabeça redonda que usara para bater na escada metálica à popa.

— O mestre do porto contactou-nos pelo rádio — gritou Bud. — Disse que o seu marido tentava entrar em contacto consigo.

Gamay nadou até à escada, passou-lhe a botija de oxigénio e o cinto

de chumbos e subiu a bordo. Escorreu a água do mar do seu cabelo longo e ruivo e limpou a cara com uma toalha. Era alta e magra para a altura que tinha e, se lhe interessasse ter um peso menos saudável, poderia ter a silhueta de uma manequim profissional. Retirou o fragmento de coral do saco e ergueu-o para que Bud visse.

Abanou a cabeça. — O meu negócio de mergulho vai pelo cano se continuar assim.

O pescador tinha razão. Seria necessário um profundo compromisso de todos, desde os residentes locais até ao Congresso, para trazer os recifes de volta à vida.

— O meu marido deixou alguma mensagem? — perguntou Gamay.

— Sim. Pediu para entrar em contacto com ele logo que possa. Disse que alguém chamado Kurt ligou. Parece-me que as suas férias chegaram ao fim.

Ela sorriu, mostrando uma falha ténue entre os seus incisivos brancos e brilhantes e atirando o pedaço de coral a Bud. — Parece que sim — disse.